

DEFENDA-SE

GUIA PARA O PROFESSOR

[Elaboração: Alessandra Martins de Faria]

MININA

e suas luzinhas

EM DEFESA DA INFÂNCIA



CENTRO MARISTA DE
DEFESA DA INFÂNCIA

FTD

Apresentação

{ **O conhecimento une cada um consigo mesmo e todos com todos.** }

José Saramago

A violência e o abuso sexual podem estar presentes em todos os espaços de convivência de crianças e adolescentes. Por isso, consideramos a escola um espaço determinante de disseminação de informações que ajudam a identificar essas violências e a desenvolver formas de autoproteção.

A autodefesa contra a violência e o abuso sexual deve ser compreendida como um conjunto de estratégias simples e cotidianas que visam à segurança da criança e do adolescente e dificultam a ação dos agressores.

Acreditamos que os projetos educacionais, as metodologias participativas e a formação de crianças e adolescentes são fundamentais na defesa de seus direitos e na construção de ambientes mais seguros e promotores de aprendizagem.

Ao compartilhar o compromisso de difundir informação e colaborar no enfrentamento da violência, este guia oferece uma proposta significativa para trabalhar o tema no cotidiano escolar, por meio de:

- ▶ textos de formação que auxiliam o professor a reconhecer sinais de abuso e violência sexual;
- ▶ documentos e legislações que protegem o bem-estar de crianças e adolescentes;
- ▶ rede de proteção e canais de denúncia;
- ▶ indicações de leitura, *sites*, filmes e outros conteúdos audiovisuais;
- ▶ subsídios para o desenvolvimento das atividades apresentadas na obra paradidática;
- ▶ propostas de oficinas e atividades complementares.

Esperamos que o conhecimento nos una nesta importante empreitada!



Título Mina e suas luzinhas: em defesa da infância

Série Fraternidade e Solidariedade

Autora Januária Cristina Alves

Ilustrações Marília Pirillo

Formato 21 cm x 24 cm

Páginas 48

Acabamento Cavalete

Obra Clássica e escolar

O **Guia para o professor** é parte integrante da obra **Mina e suas luzinhas: em defesa da infância**. Conforme o Artigo 29 da Lei nº 9.610/98, é proibida a reprodução parcial, integral ou divulgação comercial deste documento sem autorização prévia expressa da editora.

Sumário

4	Introdução
7	Educação, sexualidade e abuso sexual
11	Rede de proteção
13	Organizações e campanhas
13	Como identificar a ocorrência de violência e abuso sexual?
16	Como agir diante de uma situação de abuso ou violência sexual?
16	Denúncia anônima
16	Responsabilidade
17	Canais de denúncia
19	Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual
19	Violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes
22	Infâncias e adolescências
23	Sexualidade e Educação em Sexualidade
25	Sexualidade: questões éticas
25	Como desenvolver processos de Educação em Sexualidade com crianças?
26	Gênero, educação e desigualdades
26	O que é gênero?
28	A culpa é da vítima?
28	Educar para a igualdade de gêneros
29	Masculinidades em discussão
30	Temas correlatos
30	Direitos humanos
30	Protagonismo juvenil
32	Atividades propostas no livro
36	Atividades complementares: roteiros temáticos
38	Roteiro 1 - Família
40	Roteiro 2 - Valores
43	Roteiro 3 - Identidade
46	Roteiro 4 - Amizade
49	Roteiro 5 - Defenda-se
55	Para finalizar
57	Apêndice
57	Violência sexual contra crianças
58	Gênero, educação e desigualdades
59	Direitos e protagonismo infantil

Introdução

Se “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, segundo o provérbio africano, é na beleza do processo pedagógico que educadores – com sua missão profissional e pessoal de apoiar o desenvolvimento de crianças e adolescentes – contribuem para a leitura do mundo e da palavra como promotora dos direitos humanos e da formação integral.

Os direitos da criança e do adolescente, prioridade absoluta e dever do Estado, da família e da sociedade – como preconizam os artigos 227 da **Constituição Federal**¹ e 4ª do **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**² –, têm seus princípios garantidos na **Convenção sobre os Direitos da Criança**³. Sujeitos de direitos e em condição peculiar de desenvolvimento, crianças e adolescentes encontram na construção de sua identidade, formação e conhecimento de mundo uma autonomia progressiva condicionada pela capacidade, desejo e oportunidade.

Paulo Sérgio Pinheiro, acadêmico brasileiro, ao apresentar um relatório⁴ na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 11 de outubro de 2006, reconheceu a escola e outros ambientes educativos como lugares importantes para romper com padrões e círculos de violência e para reafirmar valores universais. A admissão de que todas as crianças têm direito à educação em ambientes livres de violência e que uma das funções da educação é produzir adultos que tenham interiorizados valores e práticas não violentas é destaque desse estudo. Em um segundo relatório⁵, Katherine Covell, professora de Psicologia do Desenvolvimento na Cape Breton University, no Canadá, e Jo Becker, jornalista e autora estadunidense, ao avaliarem as recomendações apresentadas no primeiro relatório, ressaltam os pontos importantes para a mudança das condições indicadas nesse estudo, com destaque para a relevância da formação dos educadores na perspectiva dos direitos humanos, o que resulta em ambientes escolares menos violentos.

O **Guia escolar**, publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2011, afirma que a escola é um espaço em que se trabalham “os saberes, os afetos, os valores, as normas, os modelos culturais e os direitos”⁶. O acesso do professor a dados e estudos sobre os direitos humanos de crianças e adolescentes e o enfrentamento das violências é fundamental para contribuir nesse movimento de pessoas e organizações que tentam, por meio de sua atuação pessoal e profissional, construir um mundo mais seguro para as infâncias e juventudes.

¹BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_001>. Acesso em: 2 jul. 2018.

²BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_002>. Acesso em: 2 jul. 2018.

³BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_003>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁴PINHEIRO, Paulo Sérgio. **World report on violence against children**. Genebra: UN, 2006. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_004>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁵BECKER, Jo; COVELL, Katherine. **Five Years On: A global update on violence against children, 2011**. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_005>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁶SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Seropédica: EDUR, 2011. p. 43. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_006>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Os dados destacados nos documentos publicados sobre violência sexual contra crianças e adolescentes são impactantes e revelam que esses números se manifestam em nosso cotidiano. De acordo com o relatório mundial organizado por Paulo Sérgio Pinheiro, pelo menos 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos com menos de 18 anos foram abusados ou explorados sexualmente durante o ano de 2002. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ao analisar os dados da política nacional de saúde, 68% das vítimas de estupro, no Brasil, são menores de idade⁷. O Disque 100, serviço de denúncias de violação de direitos humanos do Ministério de Direitos Humanos da Presidência da República, registrou, em 2017, um total de 142 665 denúncias, sendo 71 748 relacionadas à violência sexual contra crianças e adolescentes⁸. A Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou, em 2017, o **INSPIRE. Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças**, afirmando que “uma de cada cinco meninas e um de cada treze meninos são vítimas de abuso sexual”⁹ no mundo.

Portanto, o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes é um desafio que perpassa todos os espaços em que meninos e meninas estão presentes, convivem e manifestam suas visões de mundo.

O desenvolvimento integral das infâncias e juventudes precede a compreensão sobre seus direitos e as possibilidades de reivindicá-los. Por isso, assim como preconiza o eixo “Prevenção” do **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual de Crianças e Adolescentes**, é preciso “assegurar ações preventivas contra a violência sexual. Ações de educação, sensibilização e de autodefesa”¹⁰. Tais ações se revelam como potentes estratégias para o enfrentamento da violência sexual, uma vez que empoderam meninos e meninas a manifestarem seu direito, ao conhecerem adequadamente o próprio corpo e a reconhecerem as possibilidades de também participarem da reivindicação sobre os limites de uma relação saudável e protetiva.

Na prática, a autodefesa deve ser entendida como um conjunto de estratégias simples e cotidianas que visam à segurança da criança e do adolescente e dificultam a ação dos agressores. Dentre essas estratégias, destaca-se a **Educação em Sexualidade**, que é definida “como uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas e sem pré-julgamento. A Educação em Sexualidade fornece oportunidades para explorar os próprios valores e atitudes e para desenvolver habilidades de tomada de decisão, comunicação e redução de riscos em relação a muitos aspectos da sexualidade”¹¹.

⁷ INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada; FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro: IPEA/FBSP, 2018. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_007>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁸ BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Balanco anual 2017**. Brasília, DF: MDH, 2018. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_008>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁹ ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde. **INSPIRE. Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças**. Washington: OPAS, 2017. p. 2. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_009>. Acesso em: 3 jul. 2018.

¹⁰ PLANO Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, 2013. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_010>. Acesso em: 3 jul. 2018.

¹¹ UNESCO. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Tradução de Rita Brossard. 2010. v. 1. p. 2. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_011>. Acesso em: 3 jul. 2018.

Este guia, portanto, pretende contribuir de modo significativo com o cotidiano educacional em que você, professor, ao ter acesso a documentos e propostas em desenvolvimento, compartilhe com a “aldeia” o compromisso de enfrentamento da violência e o anúncio de um lugar mais seguro para meninos e meninas. Seus projetos educacionais, suas metodologias participativas e sua contribuição na formação de crianças e adolescentes podem ser determinantes na defesa dos direitos e na construção de ambientes mais seguros e promotores de aprendizagem.



Educação, sexualidade e abuso sexual

Dezoito de maio é o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A data foi escolhida por conta do crime cometido contra a menina Araceli, em Vitória, Espírito Santo, em 1973. Nesse dia, Araceli, que tinha 8 anos de idade, foi sequestrada e cruelmente assassinada após ter sido violentada. Todos os anos, desde 2000, o dia 18 de maio pode ser o início ou o ápice de um processo de luta contra esse tipo de violência e deve ser marcado por um conjunto de ações, como seminários e palestras com especialistas sobre o tema e iniciativas pedagógicas, que têm na Educação em Sexualidade um importante aliado para empoderar crianças e adolescentes na identificação e denúncia de situações de abuso.

Sabemos que a Educação em Sexualidade para crianças e adolescentes é assunto delicado e que causa desconforto em muitas famílias, bem como em profissionais que atuam nas escolas e em outras áreas de atendimento ao público infantojuvenil, como aponta o documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**. Pode ser que pais e responsáveis considerem inadequado falar sobre o abuso sexual com crianças e adolescentes imaginando que, dessa forma, estão garantindo a proteção deles. Contudo, apresentá-los informações seguras, corretas e adequadas é fator fundamental no processo de empoderamento, para que eles possam tanto desenvolver comportamentos de autoproteção quanto buscar ajuda, se for necessário.

Podemos pensar que o processo de Educação em Sexualidade se dá, ao longo da nossa vida, de maneira informal (como na convivência familiar ou entre pares, por meio de diversos valores, hábitos e comportamentos que são apreendidos) e de maneira formal (isto é, planejada e desenvolvida adequadamente a cada momento da vida e faixa etária do aprendiz, elaborada a partir de informações corretas e pautadas pela ciência)¹². Dessa forma, ainda que não se fale abertamente sobre o tema, todos desenvolvemos Educação em Sexualidade quando, por exemplo, ensinamos a fechar ou manter a porta aberta durante o banho ou quando dividimos ou não as tarefas domésticas entre os diversos membros da família conforme o gênero de cada um etc.

Na escola, esse processo pedagógico é mais aprofundado e planejado, pois tem intenções e objetivos definidos, como: apresentar informações seguras de modo que crianças e adolescentes cresçam conhecendo adequadamente o próprio corpo; desenvolvam noções de autocuidado e de autoproteção; compreendam o que é a afetividade humana e, a seu tempo, do que se trata o sexo; saibam fazer escolhas responsáveis ao longo da vida, com vistas à saúde e ao projeto de vida; e desenvolvam sentido de respeito, solidariedade e cuidado com as outras pessoas.

Todo esse processo não desconsidera a cultura e os valores da família ou comunidade; ao contrário: líderes religiosos, professores, equipes gestoras, todos podem contribuir com base no entendimento dos objetivos fundamentais do processo. Contudo, a Educação em Sexualidade, bem como o processo educativo acerca da questão do abuso sexual, vislumbra

¹² VITIELLO, Nelson. **Sexualidade**: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.

a mudança de aspectos da sociedade que têm reforçado na cultura e nas práticas sociais a manutenção das muitas violências contra crianças e adolescentes. Diante disso, antes de iniciar o processo educativo diretamente com crianças e adolescentes, é muito importante convocar famílias, líderes locais e toda a comunidade educativa para apresentar os objetivos que se pretende alcançar, informar acerca de conteúdo e materiais de apoio e do processo a ser percorrido (ações propostas, atividades etc.). É importante também que a comunidade, além de estar informada sobre o processo educativo que se deseja estabelecer, esteja engajada no apoio e disseminação dos conhecimentos construídos com as crianças e os adolescentes.

Mas que relação se pode estabelecer entre a Educação em Sexualidade e a discussão sobre o abuso sexual contra crianças e adolescentes?

Um dos principais mitos acerca desse tipo de abuso é a crença de que o autor do abuso é um estranho, alguém desconhecido. Na verdade, na maioria dos casos, é alguém próximo ou conhecido da criança ou do adolescente, alguém que já faz parte do círculo de relacionamentos interpessoais deles. Além disso, nem sempre o abusador sexual recorre a ameaças ou violência, o que torna ainda mais difícil para a vítima reconhecê-lo como tal.

Portanto, educar crianças e adolescentes para o conhecimento do próprio corpo e das “partes íntimas” – partes que só podem ser tocadas por eles mesmos ou por pessoas autorizadas, como os pais ou responsáveis durante a manutenção da higiene das crianças ou por profissionais da saúde – pode ajudá-los a:

- ▶ perceber quais são os contatos físicos permitidos e os não permitidos;
- ▶ ser capazes de identificar pessoas de confiança a quem pedir ajuda;
- ▶ entender o significado de consentimento e não consentimento;
- ▶ defender-se ao se perceber em perigo;
- ▶ identificar situações seguras e situações de risco;
- ▶ autoconhecer-se, formulando opiniões positivas sobre si mesmos;
- ▶ discutir o respeito às diferenças entre as pessoas e a importância da igualdade de direitos para que ninguém se sinta mais importante que o outro;
- ▶ motivar-se a conhecer os direitos de crianças e adolescentes, bem como a rede de proteção que pode ser acionada por eles e suas famílias etc.

Para ampliar a visão acerca de mitos e realidades sobre abuso sexual, auxiliar no entendimento de algumas informações por trás dessa problemática e fortalecer sua atuação na comunidade escolar, reproduzimos a tabela a seguir.

Conheça alguns mitos e realidades sobre o abuso sexual

MITOS	REALIDADE
As pessoas estranhas representam perigo maior para crianças e adolescentes.	As pessoas estranhas respondem por um pequeno percentual dos casos registrados. Em 85% a 90% das situações, crianças e adolescentes são sexualmente abusados por pessoas conhecidas, como pais, padrastos, parentes, vizinhos, amigos da família, babás, professores ou médicos. [...]
O autor do abuso sexual é um psicopata, um tarado que todos reconhecem na rua, um depravado sexual, geralmente mais velho e alcoólatra, homossexual ou retardado mental.	Os crimes sexuais são praticados por pessoas de todos os níveis socioeconômicos, religiosos e étnicos. Na maioria das vezes, são indivíduos [...] queridos por crianças e adolescentes. A maioria dos autores de violência sexual é heterossexual e também mantém relações sexuais com adultos.
A criança mente e inventa que sofre abuso sexual.	Raramente a criança mente. Apenas 6% dos casos são fictícios e, nestas situações, trata-se, em geral, de crianças maiores, que objetivam alguma vantagem.
Se uma criança ou adolescente “consente” é porque deve ter gostado. Só quando diz “não” é que fica caracterizado o abuso.	O autor da agressão sexual tem inteira responsabilidade pela violência sexual, qualquer que seja a forma por ele assumida.
O abuso sexual, na maioria dos casos, ocorre longe da casa da criança ou adolescente.	O abuso geralmente ocorre dentro ou perto da casa da criança ou do abusador. O abusador costuma procurar locais em que a criança ou adolescente esteja vulnerável. O maior índice de abuso sexual acontece no período diurno.
É fácil identificar o abuso sexual em razão das evidências físicas encontradas na criança ou adolescente.	Em apenas 30% dos casos há evidências físicas. As autoridades precisam conhecer as diversas técnicas de identificação de abuso sexual.
O abuso sexual está associado a lesões corporais.	A violência física não é comumente utilizada na prática do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Os autores de abuso utilizam-se mais frequentemente da sedução para conquistar a confiança e o afeto deles. Podem também utilizar ameaças quando a sedução deixa de funcionar. Nem mesmo o ato sexual em si, muitas vezes, provoca lesões corporais. Nesses casos, as maiores consequências são as psicológicas.

MITOS	REALIDADE
O abuso sexual se limita ao estupro.	Além do ato sexual com penetração vaginal ou anal [...], outros atos são considerados abuso sexual, como o voyeurismo, a manipulação de órgãos sexuais, a pornografia e o exibicionismo.
Crianças e adolescentes sexualmente abusados são oriundos de famílias de nível socioeconômico baixo.	Níveis de renda familiar e de educação não são indicadores de abuso. Famílias das classes média e alta podem ter condições mais favoráveis para encobrir o abuso e manter o “muro do silêncio”. As vítimas e os autores do abuso são, variadas vezes, do mesmo grupo étnico e socioeconômico.
Crianças e adolescentes só revelam o “segredo” se tiverem sido ameaçados com violência.	Crianças e adolescentes só revelam o “segredo” quando confiam e se sentem apoiados.
A maioria dos casos é denunciada.	Na realidade, poucos casos são denunciados. Quando há envolvimento de familiares, são poucas as chances de que a vítima faça a denúncia, seja por motivos afetivos, seja por medo do abusador, de perder os pais, de ser expulso, de que os outros membros da família não acreditem em sua história ou de causar discórdia familiar.
A maioria dos pais e professores está informada sobre abuso sexual de crianças, a frequência em que ocorre e como deve lidar com a situação.	No Brasil, a maioria dos pais e professores desconhece a realidade do abuso sexual de crianças e adolescentes. Assim, a desinformação os impede de ajudar a combater e a prevenir esse tipo de crime.
O abuso sexual é uma situação rara, que não merece ser considerada prioridade por parte dos governos.	O abuso sexual é extremamente frequente em todo o mundo. Sua prevenção deve ser prioridade até por questões econômicas. Segundo estudo realizado nos Estados Unidos, os gastos com o atendimento de 2 milhões de vítimas de abuso sexual chegaram a US\$ 12,4 milhões em um ano.
É impossível prevenir o abuso sexual de crianças.	Há maneiras práticas e objetivas de proteger as crianças do abuso sexual [...].

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica: Edur, 2011. p. 68-71. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_006>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Rede de proteção

A rede de proteção de crianças e adolescentes é o conjunto composto de diversas pessoas e organizações governamentais e não governamentais que atuam de maneira articulada na defesa, promoção e garantia dos direitos da população infantojuvenil. Pode ser articulada com vistas aos direitos gerais ou específicos de uma parcela dessa população, como no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de abuso ou exploração sexual, em situação de rua ou em regime de trabalho abaixo da idade mínima permitida por lei. Portanto, podem-se constituir em municípios, estados e âmbito federal diversas políticas de proteção consoantes às diferentes demandas provenientes das problemáticas que envolvem crianças e adolescentes. Essas políticas têm como marco de referência de atuação o Sistema de Garantia de Direitos (SGD), estabelecido no **ECA**, que prevê a existência e o exercício de múltiplos agentes e organismos com diferentes papéis, objetivos e instrumentos de atuação. As tabelas a seguir apresentam as funções, os objetivos e as formas de atendimento previstos no SGD.

ECA – Sistema de Garantia de Direitos

FUNÇÕES	PROMOÇÃO	ATENDIMENTO
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none">• Formular políticas sociais públicas.• Propor e destinar recursos orçamentários.• Gerir Fundos da Criança e do Adolescente.• Planejar ações integradas.	<ul style="list-style-type: none">• Manter programas e serviços de saúde, educação, assistência, cultura, profissionalização, proteção especial.• Prestar atendimento.
INSTRUMENTOS	<ul style="list-style-type: none">• Planejamento.• Dotação orçamentária.• Plano de aplicação de recursos dos Fundos da Criança e do Adolescente.• Elaborar plano de garantia de direitos (Conselhos Estaduais e Municipais).• Propor e realizar conferências estaduais e municipais.¹³	<ul style="list-style-type: none">• Execução de programas e serviços de saúde, educação, assistência, cultura, profissionalização, proteção especial.• Assistência jurídica.
ORGANISMOS	<ul style="list-style-type: none">• Secretarias de governo estaduais e municipais.• Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente (nacional, estaduais e municipais).• Fundo da Criança e do Adolescente (nacional, estaduais e municipais).	<ul style="list-style-type: none">• Secretarias de governo estaduais e municipais executoras de políticas de saúde, educação, assistência, cultura, profissionalização e proteção especial.• ONGs que mantêm programas de atendimento.

¹³ Essas conferências são fóruns de recomendações e avaliação das políticas para a infância e a adolescência que devem ser realizadas articuladamente nos níveis nacional, estadual e municipal.

CONTROLE/VIGILÂNCIA/ FISCALIZAÇÃO	EXIGIBILIDADE/DEFESA	RESPONSABILIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar, fiscalizar e avaliar programas e serviços governamentais e não governamentais da área da criança e do adolescente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exigir e defender direitos assegurados em lei. 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilizar legalmente os responsáveis pela violação de direitos.
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento, fiscalização e avaliação. • Registro de entidades de atendimento (Conselhos de Direitos Municipais). 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de medidas protetivas e socioeducativas. • Aplicação de medidas jurídicas e extrajudiciais previstas em lei. • Requisição de serviços (Conselhos Tutelares). 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigação policial. • Processo judicial. • Aplicação de penalidades e sanções de natureza civil, criminal e administrativa.
<ul style="list-style-type: none"> • Ministério Público. • Conselhos de Direitos. • Varas da Infância e da Juventude. • Fóruns DCA. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ministério Público. • Conselhos de Direitos. • Conselhos Tutelares. • Defensorias Públicas. • Varas da Infância e da Juventude. • Defensorias Públicas. • ONGs de defesa de direitos. • Centros de Defesa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Delegacias de Polícia e Delegacias Especializadas (da Mulher e DPCA). • Justiça (Varas da Infância e da Juventude, Varas Especializadas em Crimes contra Crianças e Adolescentes e Varas Criminais). • Centros de Defesa. • Ministério Público. • Defensorias Públicas. • ONGs e Universidades que oferecem assistência jurídica.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege:** enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008. p. 81-82. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_012>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Assim, diversos são os agentes e organizações que atuam na defesa e garantia dos direitos de crianças e adolescentes. O processo de trabalho em rede não é fácil; exige abertura, diálogo, integração, troca de informações e conhecimentos entre os muitos organismos e profissionais envolvidos em cada linha de ação ou frente de trabalho. A escola pode atuar na mobilização da rede de proteção sempre que convida representantes de outros organismos para o diálogo e o trabalho em conjunto. Como é a rede de proteção ligada à problemática da violência sexual contra crianças e adolescentes na sua região? Quais são as instituições envolvidas? Quais são as linhas de ação? Como se articulam no campo do Sistema de Garantia de Direitos? O que falta conquistar? Construir um mapa da rede de proteção local pode ser um importante apoio no processo de prevenção e combate às violações de direitos de crianças e adolescentes.

Organizações e campanhas

A violência sexual representa uma violação aos direitos humanos, para além da violação à sexualidade e aos direitos de crianças e adolescentes. Com o objetivo de subsidiar o trabalho pedagógico sobre o enfrentamento da violência sexual, apresentamos, a seguir, os sites¹⁴ de algumas das mais importantes organizações e campanhas com foco em prevenção e redução de danos causados por abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

- ▶ <http://anamovimento.blogspot.com.br/>
- ▶ <http://new.safernet.org.br/>
- ▶ <http://plan.org.br/>
- ▶ <http://promundo.org.br/>
- ▶ www.childhood.org.br
- ▶ www.defenda-se.com
- ▶ www.podeserabuso.org.br

Como identificar a ocorrência de violência e abuso sexual?

A escola representa, para muitas crianças e adolescentes, um importante espaço de proteção. Professores são fonte de apoio com quem, muitas vezes, compartilham-se angústias e situações difíceis, em razão do vínculo afetivo e de confiança que se constrói no dia a dia. Por isso, conhecer a questão da violência sexual com profundidade é muito importante para que esses profissionais se sintam seguros sobre como agir diante da suspeita ou da identificação de uma situação de abuso. Mas, se a criança ou o adolescente não conta ou não verbaliza a situação, como percebê-la?

De fato, a tarefa não é simples. Especialistas apontam que crianças e adolescentes dão sinais de que estejam sofrendo algum tipo de abuso e, dessa maneira, orientam para a observação de algumas características e comportamentos como os que listamos a seguir. Contudo, deve-se lembrar que esses sinais, normalmente, aparecem não isoladamente, mas de forma associada.

Indicadores na conduta de crianças e adolescentes

Sinais corporais ou provas materiais

- Enfermidades psicossomáticas que se traduzem em uma série de problemas de saúde sem aparente causa clínica, como dor de cabeça, erupções na pele, vômitos e outras dificuldades digestivas, que têm, na realidade, fundos psicológico e emocional. [...]
- Dificuldade de engolir devido à inflamação causada por gonorreia na garganta (nas amígdalas, mais precisamente) ou reflexo de engasgo hiperativo e vômitos (por sexo oral). [...]

¹⁴Acessos em: 5 jul. 2018.

- Baixo controle do esfíncter, constipação ou incontinência fecal.
- Sêmen na boca, nos genitais ou na roupa.
- Roupas íntimas rasgadas ou manchadas de sangue. [...]
- Gravidez precoce ou aborto. [...]
- Traumatismo físico ou lesões corporais por uso de violência física.

Sinais comportamentais ou provas imateriais

Comportamento/sentimento

- Mudanças comportamentais radicais, súbitas e incompreensíveis, tais como oscilações de humor entre os estados de timidez e extroversão.
- Mal-estar pela sensação de modificação do corpo e confusão de idade.
- Regressão a comportamentos infantis, tais como choro excessivo sem causa aparente, enurese (emissão involuntária de urina) e hábito de chupar os dedos.
- Medo, ou mesmo pânico, de determinada pessoa ou sentimento generalizado de desagrado quando deixada em algum lugar.
- Medo do escuro ou de lugares fechados.
- Autoconceito negativo, baixo nível de autoestima e excessiva preocupação em agradar os outros.
- Tristeza, abatimento profundo ou depressão crônica.
- Vergonha excessiva, inclusive de mudar de roupa na frente de outras pessoas.
- Culpa e autoflagelação.
- Ansiedade generalizada, comportamento tenso, sempre em estado de alerta, e fadiga.
- Excitabilidade aumentada (hipervigilância ou dificuldade de concentração).
- Fraco controle de impulsos, comportamento autodestrutivo ou suicida.
- Comportamento disruptivo, agressivo, raivoso, principalmente dirigido contra irmãos e o familiar não incestuoso.
- Transtornos dissociativos na forma de personalidade múltipla.
- Repetição constante do que outras pessoas verbalizam.

Sexualidade

- Curiosidade sexual excessiva; interesse ou conhecimento súbito e não usual sobre questões sexuais.
- Expressão de afeto sexualizada, ou mesmo certo grau de provocação erótica, inapropriados para crianças e adolescentes.
- Desenvolvimento de brincadeiras sexuais persistentes com amigos, animais e brinquedos.
- Masturbação compulsiva ou pública.
- Relato de avanços sexuais por parentes, responsáveis ou outros adultos, ou mesmo agressividade sexual a terceiros.
- Representações e desenhos de órgãos genitais com detalhes e características além da capacidade de sua faixa etária. Toque e/ou manipulação constante dos órgãos genitais.

- Introdução de objetos no ânus ou na vagina.
- Ansiedade constante relacionada a temas sexuais.

Hábitos, cuidados corporais e higiênicos

- Abandono, ainda que temporário, de comportamento infantil, de laços afetivos, de antigos hábitos lúdicos, de fantasias.
- Mudança de hábito alimentar, perda de apetite (anorexia) ou excesso de alimentação (obesidade).
- Padrão de sono perturbado por pesadelos frequentes, agitação noturna, gritos, suores provocados pelo terror de adormecer e sofrer abuso.
- Aparência descuidada e suja pela relutância em trocar de roupa.
- Hábito não usual de lavar as mãos compulsivamente.
- Resistência em participar de atividades físicas.
- Tiques motores múltiplos.
- Atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem verbal em crianças muito pequenas.
- Uso e abuso repentino de substâncias como álcool, drogas lícitas e ilícitas.

Frequência e desempenho escolar

- Assiduidade e pontualidade exageradas. Chegam cedo e saem tarde, demonstram pouco interesse em voltar para casa após a aula, ou até apresentam resistência a isso.
- Queda injustificada de frequência à escola.
- Dificuldade de concentração e de aprendizagem, resultando em baixo rendimento escolar.
- Ausência ou pouca participação nas atividades escolares.
- O aparecimento de objetos pessoais, brinquedos, dinheiro e outros bens que estão além das possibilidades financeiras da família da criança ou adolescente pode indicar favorecimento e/ou aliciamento. Se isso ocorrer com várias crianças da mesma sala de aula, ou da mesma série, pode indicar a ação de algum pedófilo na região.

Relacionamento social

- Tendência a isolamento social, apresentando poucas relações com colegas e companheiros.
- Relacionamento entre crianças e adultos com ares de segredo e exclusão dos demais.
- Dificuldade de confiar nas pessoas à sua volta.
- Evitamento de contato físico.
- Frequentes fugas de casa.
- Prática repentina de delitos como forma de transgressão ou de chamar a atenção, ainda que inconscientemente.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica: Edur, 2011. p. 88-90. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_006>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Como agir diante de uma situação de abuso ou violência sexual?

Deve-se cuidar ao máximo para não expor a criança ou o adolescente, mantendo sigilo sobre as informações e sobre sua identidade – trata-se, aqui, de não ampliar a situação de sofrimento da possível vítima e de cuidar da sua privacidade. Você pode conversar com colegas ou outros profissionais a respeito da situação para tentar esclarecer suas reflexões, mas revele as informações sobre a criança ou o adolescente apenas para as pessoas que realmente podem oferecer ajuda.

Em caso de confirmação ou suspeita de uma situação de violência ou abuso sexual, a lei orienta que se deve fazer uma notificação ao Conselho Tutelar, a uma delegacia especializada (ou à delegacia comum, na ausência desta) ou, ainda, ao serviço Disque 100. Pode-se realizar a notificação por telefone, por escrito, por meio de visita ao órgão competente ou solicitando atendimento na própria escola.

Denúncia anônima

Muitas vezes, ao realizar uma denúncia, professores podem se sentir preocupados com possíveis complicações que envolvam a família ou os responsáveis da vítima, e até mesmo os próprios autores do abuso sexual. Segundo o **Guia escolar**:

A denúncia pode ser realizada de forma declarada ou sigilosa. Muitos educadores preferem notificar a ocorrência de abuso sexual e não ter sua identidade revelada. Porém, o ideal é que a direção da escola assuma conjuntamente a notificação por escrito ou visite o órgão responsável, de preferência acompanhada de membros da família que não cometeram abuso sexual, que possam dar seguimento tanto à denúncia quanto ao encaminhamento da criança ou adolescente aos serviços educacional, médico e psicológico, quando esses se fizerem necessários.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica: Edux, 2011. p. 102.
Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_006>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Responsabilidade

Notificar órgãos competentes sobre casos de violência e abuso sexual de crianças e adolescentes é um dever legal. O **ECA** determina não apenas a obrigatoriedade da notificação, mas também a penalidade para o caso de negligência dos profissionais diante da situação de suspeita ou confirmação de maus-tratos.

Art. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.

[...]

Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_002>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Contudo, encaminhar uma denúncia significa, sobretudo, cuidar da proteção de crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos ou violência sexual. A denúncia permite aos órgãos competentes tomarem providências para evitar novos casos de abuso, responsabilizando o agressor pelas suas ações e encaminhando-o para um processo educativo de modo a não cometer novos abusos no futuro.

Canais de denúncia

A seguir, listamos uma série de canais de denúncia que podem ser utilizados por professores, crianças, adolescentes e familiares. Em respeito ao **ECA**, pode-se, primeiramente, procurar o Conselho Tutelar e realizar a denúncia por meio desse importante organismo de proteção. Caso não exista na cidade Conselho Tutelar, delegacias especializadas ou outra instituição que desenvolva o trabalho de proteção à infância e à juventude nos casos de violência e abuso sexual, podem-se procurar as delegacias comuns. É possível também fazer uma denúncia por meio do Disque 100 ou de outros organismos, conforme indicado.

- ▶ **Conselho Tutelar***
- ▶ **Disque Direitos Humanos - Disque 100.** O atendimento funciona 24 horas por dia e é gratuito. A denúncia pode ser feita anonimamente, em português ou espanhol, e de qualquer parte do Brasil. O Disque 100 recebe a denúncia e a encaminha rapidamente aos órgãos competentes.
- ▶ **Delegacia da Infância e Juventude** ou **Delegacia de Defesa da Mulher**
- ▶ **Delegacia Civil, Militar** ou **Rodoviária Federal**, na ausência de delegacia especializada



* Disponível para consulta no *site* do Mapa de Oportunidades e Serviços Públicos (MOPS), portal de acesso livre que reúne e organiza informações sobre disponibilidade de serviços, equipamentos públicos e programas identificados em municípios, microrregiões e estados no país. Endereço: <http://ftd.li/defenda-se_013>. Acesso em: 10 jul. 2018.

- ▶ **Ministério Público Estadual**
- ▶ **Centro de Referência da Assistência Social (Cras)* e Centro de Referência Especializado da Assistência Social (Creas)***
- ▶ **Defensoria Pública**
- ▶ **www.protejabrasil.com.br.** Aplicativo que permite a localização da rede de apoio e a realização de denúncias de casos de violação de direitos. Pode ser baixado gratuitamente da internet para o aparelho celular.
- ▶ **www.humanizaredes.gov.br.** Portal criado pelo Governo Federal que acolhe denúncias de crimes contra os direitos humanos.
- ▶ **http://new.safernet.org.br/helpline.** Por meio de *chat* ou *e-mail*, podem-se solicitar informações e orientações acerca da questão da violência sexual e outros crimes na internet.
- ▶ **http://new.safernet.org.br/denuncie.** Canal de denúncia *on-line* de crimes na internet.



* Disponível para consulta no *site* do Mapa de Oportunidades e Serviços Públicos (MOPS), portal de acesso livre que reúne e organiza informações sobre disponibilidade de serviços, equipamentos públicos e programas identificados em municípios, microrregiões e estados no país. Endereço: <http://ftd.li/defenda-se_013>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual

Apresentamos, nesta seção, sugestões de sites, publicações, filmes e outros materiais audiovisuais que podem auxiliar no processo de (re)construção do olhar pedagógico acerca da problemática da violência e do abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Organizadas em cinco eixos temáticos, as sugestões vão ajudar você na elucidação de conceitos importantes para compreender melhor questões inerentes à problemática da violência e do abuso sexual e favorecer ações e processos pedagógicos preventivos que fortaleçam o empoderamento infantojuvenil e da comunidade educativa no enfrentamento desse grave problema social.

A lista de materiais indicados não pretende esgotar os assuntos apresentados. Antes, abrange um conjunto básico para análise, que direciona o olhar para um foco de reflexão específico: ampliar concepções e conhecimentos para o favorecimento do processo de prevenção e enfrentamento da violência e do abuso sexual. Com base nessas indicações, educadores podem empreender novas pesquisas de enriquecimento para seus estudos.

É importante, contudo, atentar-se para o fato de que os materiais aqui sugeridos são indicados apenas à utilização dos professores, pais e responsáveis. Do **Apêndice** deste guia, constam materiais adequados para serem utilizados em sala de aula com os estudantes.

Violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes

A violência e o abuso sexual configuram uma violação dos direitos humanos universais e particulares de crianças e adolescentes, isto é, a negação ao direito humano de ter respeitados os direitos sexuais e o desenvolvimento seguro da própria sexualidade.

A legislação brasileira considera crime de abuso sexual quando é estabelecida uma relação interpessoal entre abusador e vítima “através do contato físico, ou seja, por meio de carícias não desejadas, penetração oral, anal ou vaginal, com o pênis ou objetos, masturbação forçada, dentre outros; e sem contato físico, por exposição obrigatória a material pornográfico, exibicionismo, uso de linguagem erotizada em situação inadequada”. Trata-se de um relacionamento de “dominação perversa, geralmente mantido em silêncio e segredo”, em que “crianças ou adolescentes são usados para gratificação de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, com base em uma relação de poder que pode incluir desde manipulação da genitália, mama, ânus, exploração sexual, voyeurismo, pornografia, exibicionismo, até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência”¹⁵.

¹⁵ FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008. p. 39-40. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_012>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Outra forma assumida pela violência sexual é a **exploração sexual comercial de crianças e adolescentes**, isto é, “uma relação de mercantilização (exploração/dominação) e abuso (poder) do corpo de crianças e adolescentes (oferta) por exploradores sexuais (mercadores), organizados em redes de comercialização local e global (mercado), ou por pais ou responsáveis, e por consumidores de serviços sexuais pagos (demanda)”¹⁶. Esse tipo de exploração acontece, muitas vezes, por meio da prostituição, pornografia, turismo sexual, tráfico de pessoas para fins comerciais etc.

Publicações

As publicações indicadas a seguir oferecem aos profissionais que atuam com crianças e adolescentes um conjunto de conceitos que orienta ações de prevenção e enfrentamento e esclarece a abordagem diante de suspeita ou identificação de situações de violência e abuso sexual, entre outras violações de direitos humanos.

- ▶ **Guia escolar:** identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes
Benedito Rodrigues dos Santos e Rita Ippolito. Edur, 2011.
☞ http://ftd.li/defenda-se_006 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **O Guia como instrumento de proteção à infância:** o que contém e como utilizá-lo
☞ http://ftd.li/defenda-se_014 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Escola que protege:** enfrentando a violência contra crianças e adolescentes
Vicente de Paula Faleiros e Eva Silveira Faleiros. MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008.
☞ http://ftd.li/defenda-se_012 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Guia de referência:** construindo uma cultura de prevenção à violência sexual
Benedito Rodrigues dos Santos e Rita Ippolito. Childhood Instituto WCF Brasil/Prefeitura da Cidade de São Paulo – Secretaria de Educação, 2009.
☞ http://ftd.li/defenda-se_015 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Campanha de Prevenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes:** cartilha Educativa Brasil. Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes/ABTH, [s.d.].
☞ http://ftd.li/defenda-se_016 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Combate à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes:** guia de referência para educadores/as
Isa Ferreira. OIT, [s.d.].
☞ http://ftd.li/defenda-se_017 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Navegar com segurança:** por uma infância conectada e livre de violência sexual
Childhood Brasil. Cenpec/Childhood Instituto WCF Brasil, 2012.
☞ http://ftd.li/defenda-se_018 (Acesso em: 11 jul. 2018.)

¹⁶ LEAL, Maria Lúcia Pinto; LEAL, Maria de Fátima, 2002 apud FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege:** enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008. p. 41. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_012>. Acesso em: 11 jul. 2018.

- ▶ **Cuidar sem violência, todo mundo pode!:** guia prático para famílias e comunidades **Projeto Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias para Crianças e Adolescentes.** Instituto Promundo/Ciespi, 2003.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_019 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Erradicando o castigo físico e humilhante contra a criança:** manual de ação **Kate Harper, Pepa Horno, Florence Martin e Mali Nilsson.** Tradução de Ariadne Costa. Save the Children, 2005.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_020 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Abrindo Espaços:** guia passo a passo para a implantação do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz **Marlova Jovchelovitch Noletto.** Unesco/Fundação Vale, 2008.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_021 (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Manual de proteção escolar e promoção da cidadania:** sistema de proteção escolar **São Paulo (Estado).** Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_022 (Acesso em: 11 jul. 2018.)

Audiovisuais



Existem diversos filmes, documentários e debates envolvendo a questão do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Os títulos sugeridos a seguir apresentam um panorama geral da problemática: a questão das desigualdades de gênero que sustentam a perpetuação da violência sexual, a exploração sexual comercial infantil, o abuso sexual intrafamiliar, o processo de apoio e superação das vítimas de violações de direitos, entre outros.

No caso de alguns filmes, ainda que por vezes a trama apresentada seja de ficção, a construção de enredos e personagens ajuda a concretizar muitos conceitos e experiências humanas, às vezes, distantes histórica ou culturalmente do espectador. Daí a importância desses filmes como recursos formativos na construção de novos saberes sobre assuntos nem sempre conhecidos ou que ainda não foram compreendidos.

▶ Anjos do Sol

De Rudi Lagemann. Brasil, 2006. Longa-metragem (92 min).

Ao retratar a exploração sexual infantil, o filme conta a história de Maria (Fernanda Carvalho), uma menina de 12 anos que é abusada e forçada a se prostituir no interior da Floresta Amazônica. Após meses nessas condições, a menina consegue fugir, mas a prostituição continua fazendo parte de sua vida. A história é construída com base em relatos e reportagens veiculados na imprensa sobre a questão e consegue nos colocar diante de uma realidade vivida, de fato, por muitas crianças e adolescentes no país.

▶ Lolita

De Adrian Lyne. EUA e França, 1997. Longa-metragem (137 min).

Baseado no romance homônimo do escritor russo-americano Vladimir Nabokov, a história apresenta a obsessão de um professor universitário por uma adolescente. O filme retrata toda uma atmosfera de sedução e erotismo, tratando-se de um romance entre um homem e uma menina sedutora e hipersexualizada – a chamada ninfeta. Contudo, é preciso ampliar o olhar de modo a observar a situação de abuso existente na relação entre um homem adulto e uma adolescente.

▶ Preciosa: uma história de esperança

Precious (título original), de Lee Daniels. EUA, 2009. Longa-metragem (110 min).

Clareece "Precious" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente negra, moradora da periferia de Nova York, que foi sexualmente

violentada pelo pai e está grávida pela segunda vez. Preciosa alimenta sonhos, mas se vê descrente em relação ao próprio presente e futuro. Quando ingressa em uma escola alternativa, aos poucos, passa a romper o ciclo de opressão em que se encontra e a descobrir a própria voz. O filme nos provoca a refletir sobre o papel da escola, dos professores e da rede de proteção no cuidado às vítimas de violações de direitos ao oferecer o apoio necessário para que elas possam reconstruir seu projeto de vida, superando a situação de violência sofrida.

► **O lenhador**

The Woodsman (título original), de Nicole Kassell. EUA, 2004. Longa-metragem (87 min).

Após ter cumprido pena de doze anos de prisão por pedofilia, Walter (Kevin Bacon) está livre e se muda para um apartamento próximo a uma escola infantil. Ao expor a vulnerabilidade em que Walter e as crianças se encontram, o longa-metragem retrata a luta diária do protagonista para vencer a sua compulsão sexual. O filme leva o espectador a refletir sobre o fato de que apenas a responsabilização penal não é suficiente para que o abusador não volte a reincidir, uma vez que o enredo o coloca em contato com a humanidade e as angústias de um autor de violência sexual.

► **Violência contra crianças e adolescentes**

Palavra Cruzada. Fundação TV Minas Cultural, 26 abr. 2017. Programa de TV.

Debate com especialistas sobre o tema: Elvira Consedey, psicóloga e coordenadora do Fórum de Erradicação e Combate ao Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente; Viviane Mayrink, advogada; Shirley Barroso, jornalista da Rede Record Minas; e Wilson Gomes, jornalista da TV Alterosa.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_023 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

► **A ira de um anjo**

Child of Rage (título original). EUA, 1990. Documentário (27 min).

O documentário apresenta trechos do processo psicoterapêutico de uma criança (Elisabeth Thomas) de 6 anos que foi abusada sexualmente pelo pai biológico e, posteriormente, encaminhada para adoção. O filme discute os efeitos devastadores do abuso na primeira infância, mas também revela que as vítimas podem ser ajudadas no processo de superação da violência sofrida.

Infâncias e adolescências

O que pensamos sobre a criança ou a infância? Quais são as nossas concepções sobre a adolescência e a juventude? **Infância** e **adolescência** são conceitos recentemente produzidos na História que ajudaram a transformar a maneira como a sociedade olha para essas fases peculiares e fundamentais da vida humana. A partir da concepção de adultos em miniatura, crianças e adolescentes passaram a ser vistos como sujeitos de direitos, produtores de conhecimento e cultura; pessoas em formação que são agentes e alvos de políticas públicas e que devem ser protegidos pela família, pela sociedade e pelo Estado.

Publicações

As publicações indicadas a seguir vão ajudar você a compreender as diversas questões inerentes ao processo histórico de construção das ideias de infância e adolescência.

► **História da infância e direitos da criança:** edição especial

TV Escola e Salto para o Futuro. MEC/Secretaria de Educação a Distância, ano XIX, n. 10, 2009.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_024 (Acesso em: 13 jul. 2018.)

► **História social da criança e da família**

Philippe Ariès. Tradução de Dora Flaksman. LTC, 2004.

- ▶ **Juventude e adolescência no Brasil:** referências conceituais
Maria Virgínia de Freitas (Org.). Ação Educativa, 2005.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_025 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Diálogos com o mundo juvenil:** subsídios para educadores
Ana Paula Corti e Raquel Souza. Ação Educativa, 2004.

Sexualidade e Educação em Sexualidade

A construção de um processo preventivo contra a violência e o abuso sexual envolve a elaboração de propostas que permitam o urgente desenvolvimento de uma cultura pautada pelo respeito à vida e pela igualdade de direitos. Desse modo, torna-se imperativo o conhecimento do que de fato significa a sexualidade humana e, com base nesse entendimento, das premissas necessárias para a promoção de propostas efetivas de Educação em Sexualidade que possibilitem a experiência da afetividade por meio de escolhas responsáveis e do cuidado consigo e com o outro.

Publicações

Entre as publicações indicadas a seguir, estão relacionados, também, alguns manuais que discutem a questão da prevenção contra a violência e o abuso sexual com base na Educação em Sexualidade.

- ▶ **Sexualidade e educação sexual**
Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Acervo Digital da Unesp, 2014.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_026 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade:** uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde
Tradução de Rita Brossard. Unesco, 2010.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_011 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro:** tópicos e objetivos de aprendizagem
Sylvia Cavasin, Thais Gava e Elizabete Regina Baptista. Unesco, 2014.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_027 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Sexualidade:** quem educa o educador? Um manual para jovens, pais e educadores
Nelson Vitiello. Iglu, 1997.
- ▶ **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade:** um guia para ação
Fundação Ford - Brasil/Promundo, [s.d.].
🔗 http://ftd.li/defenda-se_028 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Sociologia da sexualidade**
Michel Bozon. FGV Editora, 2004.
- ▶ **Saúde e prevenção nas escolas:** guia para a formação de profissionais de saúde e de educação
Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2006.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_029 (Acesso em: 13 jul. 2018.)

- ▶ **HQ SPE:** um guia para utilização em sala de aula: Histórias em quadrinhos: Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas
Unesco/Ministério da Educação/Ministério da Saúde, 2010.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_030 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Educação sexual:** múltiplos temas, compromisso comum
Mary Neide Damico Figueiró (Org.). UEL, 2009.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_031 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Diversidade sexual nas escolas:** o que os profissionais de educação precisam saber
Luciana Kamel e Cristina Pimenta. Abia, 2008.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_032 (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **A educação sexual no contexto da formação profissional**
Duarte Vilar e Elisabete Souto. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2008.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_033 (Acesso em: 16 jul. 2018.)
- ▶ Fascículos **Adolescentes e jovens para a educação entre pares**
Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Ministério da Saúde, 2010.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_034 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

Audiovisuais



- ▶ **Ser jovem hoje:** Educação em Sexualidade
Unesco, 2016. Vídeo (3 min).

Vídeo informativo sobre o papel da Educação em Sexualidade na vida dos jovens.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_035 (Acesso em: 17 jul. 2018.)

- ▶ **Sexualidade jovem**
Conexão Futura. Canal Futura, 2016. Programa de TV.

O apresentador Cristiano Reckziegel conduz um debate sobre o papel da escola ao abordar as questões que envolvem a sexualidade dos adolescentes. Participam da discussão Ricardo de Castro e Silva, psicólogo e doutor em Educação; Luiza Xavier, estudante; e Maria Eduarda Samontezze Toledo, artista plástica.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_036 (Acesso em: 17 jul. 2018.)

- ▶ **Era uma vez outra Maria**
Promundo, [s.d.]. Vídeo (20 min).

Destinado ao trabalho com mulheres jovens, o vídeo é uma animação de caráter educativo que leva o espectador a refletir sobre os processos de Educação em Sexualidade, como a socialização familiar ainda na infância, a transmissão dos valores e a organização dos papéis sociais de gênero. Com base nas situações vividas por Maria, é possível discutir a maneira como as meninas são educadas, inclusive em relação à própria sexualidade, e como se reproduzem algumas das principais desigualdades de gênero.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_038 (Acesso em: 17 jul. 2018.)

- ▶ **Minha vida de João**
Promundo, [s.d.]. Vídeo (20 min).

A animação, de caráter educativo, oferece recursos para a discussão sobre o processo de construção da identidade de gênero do ponto de vista da masculinidade. A vida de João é mostrada desde a infância até a vida adulta, retratando a aquisição dos valores sociais do personagem, os papéis que são associados aos gêneros, além da descoberta da própria sexualidade ao chegar à adolescência. O vídeo também permite estabelecer uma discussão sobre a fase da adolescência, a contracepção e a prevenção de doenças e infecções sexualmente transmissíveis.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_038 (Acesso em: 17 jul. 2018.)

Sexualidade: questões éticas

Publicação

Sabemos que a abordagem da Educação em Sexualidade com crianças e adolescentes por vezes é permeada de desconforto, angústias e até mesmo de resistência, em razão, sobretudo, do desconhecimento da amplitude dos assuntos e valores que fazem parte de sua proposta. Desse modo, para esclarecer e compreender a sexualidade de forma mais aprofundada, especialmente para desfazer o sentimento de insegurança quanto à dimensão ética, moral e religiosa acerca das temáticas ligadas à sexualidade ou à Educação em Sexualidade, indicamos a leitura a seguir.

► Valores fundamentais da sexualidade humana

Maria Inês de Castro Millen. Revista Vida Pastoral, ano 51, n. 275, p. 12-18, nov.-dez. 2010.

http://ftd.li/defenda-se_039 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

Como desenvolver processos de Educação em Sexualidade com crianças?

Publicações

Quando começar? Por onde começar? O que fazer? Uma vez compreendidos o conceito e a importância da sexualidade e da Educação em Sexualidade, professores sentem-se mais seguros para elaborar propostas de atuação. A seleção de publicações a seguir explora algumas das principais questões acerca do trabalho com Educação em Sexualidade com crianças e adolescentes, visando à prevenção e ao empoderamento infantojuvenil.

► Educação sexual para crianças de 0 a 10 anos: guia do professor

Centro de Orientação em Educação e Saúde, [s.d.].

http://ftd.li/defenda-se_040 (Acesso em: 24 ago. 2018.)

► Precisamos superar o mito de que a educação sexual pode erotizar crianças

Tamiris Almeida. Caleidoscópio, 17 maio 2018.

http://ftd.li/defenda-se_041 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

► Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: manual de orientação para educadores

Childhood Brasil. Cenpec/Childhood Instituto WCF Brasil, 2006.

http://ftd.li/defenda-se_042 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

► Como ensinar noções de consentimento a crianças e adolescentes

Childhood Brasil, 18 abr. 2016.

http://ftd.li/defenda-se_043 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

► Como e quando falar sobre sexualidade com as crianças

Lais Modelli. BBC Brasil, 14 fev. 2018.

http://ftd.li/defenda-se_044 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

► “Abuso sexual não acontece só com força física”, diz pedagoga

Renata Penzani. Lunetas, 17 jan. 2017.

http://ftd.li/defenda-se_045 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

▶ **As 4 coisas que toda criança deveria aprender para “se proteger” de abusos**

Renata Mendonça. BBC Brasil, 27 abr. 2016.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_046 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

▶ **Precisamos falar sobre consentimento**

Beatriz Caitana e Vinícius Gallon. Gazeta do Povo, 12 maio 2017.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_047 (Acesso em: 27 jul. 2018.)

Audiovisuais



▶ **Que corpo é esse?**

Canal Futura, 2018. Série de TV.

A série realizada pelo Canal Futura, com o apoio da organização Childhood e do Unicef, apresenta diversas situações do dia a dia de uma família brasileira, os Vila Cesar, em que o casal e seus filhos discutem temas relacionados aos direitos sexuais e à autoproteção de crianças e adolescentes.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_048 (Acesso em: 17 jul. 2018.)

▶ **How to practice safe sexting [Como praticar o sexting de maneira segura]**

Amy Adele Hasinoff. TED Talks, 2017. Conferência (14 min).

Em conferência realizada para a TED Talks, a professora estadunidense Amy Adele Hasinoff analisa a questão do *sexting* em mídia de massa do ponto de vista da educação, oferecendo soluções práticas sobre como indivíduos e empresas de tecnologia podem proteger arquivos digitais sensíveis.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_049 (Acesso em: 27 jul. 2018.)

Gênero, educação e desigualdades

O que é gênero?

Os dados sobre o perfil das vítimas da violência sexual apontam que meninas e mulheres são as que mais sofrem esse tipo de violência. Assim, percebemos que a violência é, também, expressão das desigualdades de gênero. É preciso, portanto, compreender e discutir, com crianças, adolescentes e a comunidade, o que significa **identidade de gênero** e como as desigualdades sociais operam, hierarquizando as relações sociais entre os gêneros, especialmente em detrimento do sexo feminino.

Publicações



Existem muitas publicações que tratam da problemática da desigualdade de gênero. Indicamos, a seguir, algumas que podem auxiliar na compreensão do conceito e na discussão do processo pedagógico.

▶ **O que é gênero**

Dicionário de Direitos Humanos da ESMPU, [s.d.].

🔗 http://ftd.li/defenda-se_050 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

▶ **Gênero e sexualidade:** pedagogias contemporâneas

Guacira Lopes Louro. Revista Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56), maio-ago. 2008.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_051 (Acesso em: 16 jul. 2018.)

- ▶ **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista
Guacira Lopes Louro. Vozes, 2014.
- ▶ **Caderno de ferramentas:** promoção da equidade de gênero em ações com jovens e adolescentes
Danielle Araújo, Milena do Carmo, Mohara Valle e Norma Sá. Promundo, 2017.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_052 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

Audiovisuais



Os títulos indicados a seguir abordam alguns dos principais assuntos relacionados à expressão da violência sexual resultante de conflitos de gênero como desigualdade social entre homens e mulheres; identidade, orientação sexual homoafetiva e preconceito; intersexualidade – pessoas que nascem com os dois sexos biológicos –, transexualidade – pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico de nascimento e que recorrem a intervenções médicas durante o processo de construção da própria identidade – e seus desdobramentos sociais.

▶ **Acorda, Raimundo... Acorda!**

De Alfredo Alves. Brasil, 1990. Curta-metragem (16 min).

O curta apresenta as relações sociais de gênero com base na inversão de papéis sociais atribuídos a mulheres e homens: são os homens que engravidam, que se veem em relação de dependência das mulheres, que são responsabilizados pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os filhos etc. Essa inversão acaba por tornar mais perceptível a histórica desigualdade de gênero.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_053 (Acesso em: 19 jul. 2018.)

▶ **Eu não sou um homem fácil**

Je ne suis pas un homme facile (título original), de Eléonore Pourriat. França, 2018. Longa-metragem (98 min).

Damien é um publicitário de meia-idade com comportamentos machistas bastante comuns. Um dia, acorda num mundo em que os papéis de gênero estão invertidos: mulheres e homens vivem relações de opressão e dominação; mas, dessa vez, são as mulheres que ocupam o lugar de opressoras. Esse formato de abordar o assunto já foi realizado em outros trabalhos, inclusive pela mesma diretora. Mas o tempo e a atualidade de algumas discussões transformam a questão em ferramenta para fazer refletir sobre as desigualdades de gênero.

▶ **Meninos não choram**

Boys Don't Cry (título original), de Kimberly Peirce. EUA, 1999. Longa-metragem (118 min).

A personagem transgênero Teena Brandon, que se torna Brandon Teena ao assumir uma identidade masculina, vive numa pequena cidade dos Estados Unidos. Quando Brandon se apaixona por uma garota, com quem se envolve, sua identidade biológica é revelada e ele passa a sofrer com o ódio e a extrema violência, frutos da incompreensão sobre sua condição. O filme apresenta a narrativa a partir da perspectiva de uma pessoa transgênero, ampliando o olhar para os variados tipos de repressão que a pessoa nessa condição sofre por não conseguir corresponder às expectativas sociais sobre sua identidade.

▶ **XXY**

De Lucía Puenzo. Argentina, Espanha e França, 2007. Longa-metragem (86 min).

O filme conta a história de Alex, um adolescente intersexual que cresceu com a família numa pequena cidade e teve suas questões e conflitos mantidos sob controle e silêncio até a chegada da adolescência, quando começa a descobrir e a perceber a própria sexualidade ao se interessar por um rapaz de sua idade. O longa-metragem ajuda a ampliar a reflexão sobre algumas das complexas questões inerentes à identidade e sexualidade humana.

▶ **Transamérica**

Transamerica (título original), de Duncan Tucker. EUA, 2005. Longa-metragem (103 min).

Bree Osbourne, transgênero prestes a realizar a cirurgia de readequação sexual, descobre que é o pai biológico e único familiar de

um adolescente recém-saído da prisão em Nova York. Bree parte, então, em busca do garoto sem revelar sua verdadeira identidade e o convence a acompanhá-la a Los Angeles, onde vive. O filme apresenta a questão da transexualidade e seus desdobramentos sociais, assunto, por vezes, distante da realidade da maioria das pessoas.

► **Identidade, sexualidade e gênero na escola**

Conexão Futura. Canal Futura, 2015. Programa de TV.

O programa apresenta um debate entre profissionais e especialistas sobre o papel da escola na discussão da questão de identidade, sexualidade e gênero. Participam da conversa: Constantina Xavier, professora do curso de Pedagogia e mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Fernando Pocahy, professor de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); e o repórter Wellington Soares, da revista **Nova Escola**.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_054 (Acesso em: 19 jul. 2018.)

► **Quando os homens mudam**

Promundo, [s.d.]. Vídeo (4 min).

O vídeo apresenta a importância do engajamento dos homens no processo de luta contra as desigualdades de gênero.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_055 (Acesso em: 19 jul. 2018.)

► **O desafio da igualdade**

Plan International Brasil, 2016. Vídeo (2 min).

Uma animação que aborda a discussão sobre educação para a igualdade de gênero.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_056 (Acesso em: 19 jul. 2018.)

A culpa é da vítima?



Ao acompanhar a discussão sobre gênero, é preciso compreender a questão da chamada “cultura do estupro”, que dissemina na sociedade a culpabilidade das vítimas, justificando a ação dos agressores. A reportagem indicada a seguir ajuda a compreender o assunto.

► **6 coisas que você precisa entender sobre a cultura do estupro**

Isabela Moreira. Galileu, 1º jun. 2016.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_057 (Acesso em: 19 jul. 2018.)

Educar para a igualdade de gêneros



Educar para a igualdade de gêneros pressupõe a quebra de estereótipos, preconceitos e misoginia e a discussão das desigualdades para se construir uma cultura de não violência, de respeito mútuo e de igualdade entre as pessoas. As publicações apresentadas a seguir abordam algumas das possibilidades de promoção da educação para a igualdade de gêneros na escola.

► **Como trabalhar a igualdade de gênero na escola**

Thais Paiva. Carta Educação, 8 mar. 2017.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_058 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

► **7 maneiras de falar sobre questões de gênero na escola**

Porvir, 6 nov. 2015.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_059 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

- ▶ **Educar para a diversidade:** um guia para professores sobre orientação sexual e identidade de gênero
rede ex aequo – Associação de Jovens LGBTI e Apoiantes, 2009.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_060 (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Gênero fora da caixa:** guia prático para educadores e educadoras
Instituto Sou da Paz. Projeto Juventude, Gênero e Espaço Público, 2011.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_061 (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Trabalhando com mulheres jovens:** empoderamento, cidadania e saúde
Promundo, Salud y Género, ECOS, Instituto Papai e World Education, 2008.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_062 (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Sexualidade e saúde reprodutiva**
Promundo, ECOS, Instituto Papai, Salud y Género, [s.d.].
🔗 http://ftd.li/defenda-se_063 (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Diferentes, não desiguais**
Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura. Reviravolta, 2016.
- ▶ **Gênero, direitos e diversidade sexual:** trajetórias escolares
Eliane Rose Maio e Crishna Mirella de Andrade Correa (Org.). Eduem, 2013.
- ▶ **História do masculino e do feminino**
Rose Marie Muraro. Zit, 2007.
- ▶ **A dominação masculina**
Pierre Bourdieu. Bertrand, 1999.

Masculinidades em discussão

Publicações

As publicações apresentadas a seguir exploram a ideia de que existem diversas formas hierarquizadas de expressão da masculinidade. Para mudar a realidade social que produz a violência sexual, é preciso refletir sobre a educação, sobretudo a dos meninos, e a dimensão da masculinidade na construção da identidade do estudante.

- ▶ **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito
Robert W. Connell e James W. Messerschmidt. Revista Estudos Feministas, 21(1): 424, jan.-abr. 2013.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_064 (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Ser menino, ser aluno:** um estudo de caso de um garoto “problemático” da Austrália
Adriano Senkevics. Blog Ensaios de Gênero, 13 mar. 2014.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_065 (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Masculinidade, sexualidade e estupro:** as construções da virilidade
Lia Zanotta Machado. Cadernos Pagu, n. 11, 1998.
🔗 http://ftd.li/defenda-se_066 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

Temas correlatos

Direitos humanos

A violência sexual é um tipo de violação contra os direitos humanos. Para além de compreender seu conceito e origem, é preciso problematizar e refletir sobre o processo de educação em direitos humanos, que se torna fundamental na construção de uma sociedade justa para todos.

Site

► **O que são os Direitos Humanos?**

Nações Unidas no Brasil.

 http://ftd.li/defenda-se_067 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

Publicações

► **Educação em direitos humanos**

Frei Betto. Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, 1993.

 http://ftd.li/defenda-se_068 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

► **Educação em direitos humanos:** diretrizes nacionais

Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

 http://ftd.li/defenda-se_069 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

Protagonismo juvenil

O processo de enfrentamento da violência e do abuso sexual exige a construção de propostas pedagógicas que compreendam os adolescentes como produtores de cultura e de conhecimento, capacitando-os, cada vez mais, a exercitar o protagonismo da própria cidadania. As indicações de publicações e sites a seguir abordam questões conceituais sobre a adolescência e a juventude e o papel de educadores no processo da construção do protagonismo juvenil.

Publicações

► **O que é protagonismo juvenil?**

Branca Sylvia Brener. Fundação Telefônica – Brasil, 2 dez. 2016.

 http://ftd.li/defenda-se_070 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

► **Participação infantil:** opinar também é direito das crianças

Mayara Penina. Lunetas, 11 jul. 2016.

 http://ftd.li/defenda-se_071 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

Sites

► Boas práticas - Jovens atuantes

Rede Peteca: chega de trabalho infantil.

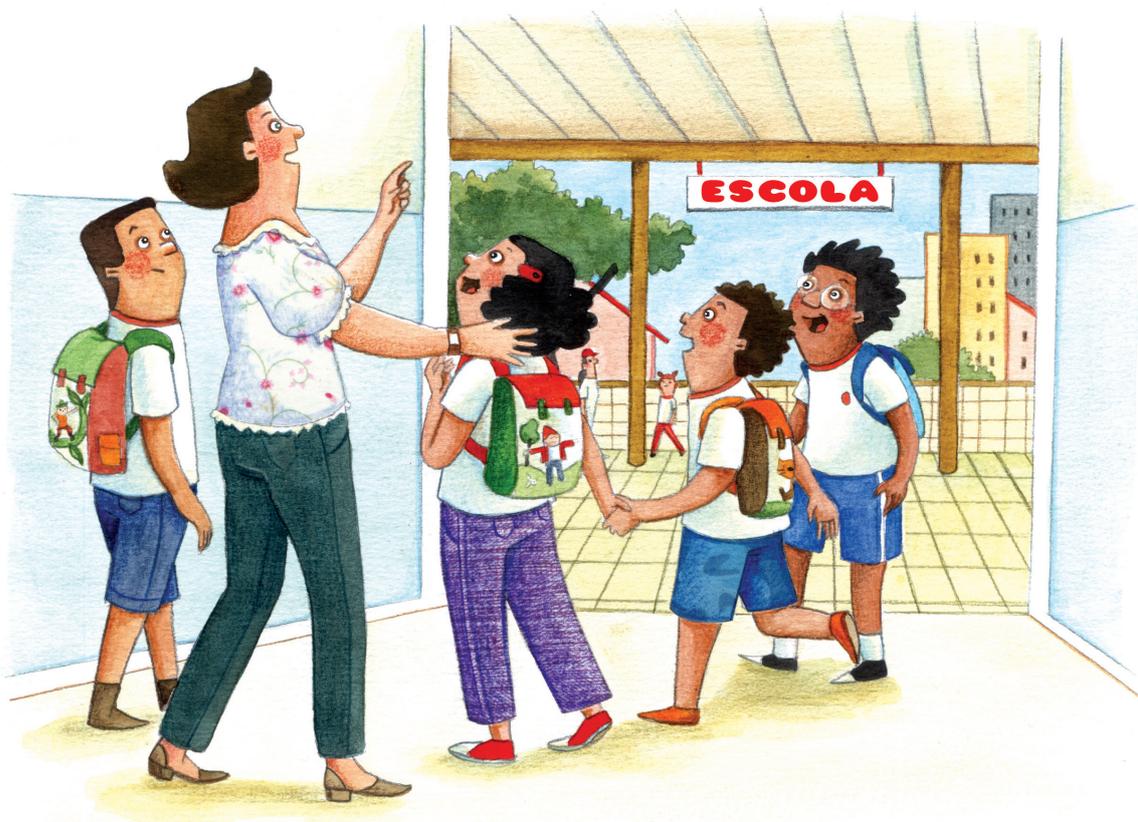
 http://ftd.li/defenda-se_072 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

► Observatório da Criança e do Adolescente

 http://ftd.li/defenda-se_073 (Acesso em: 23 jul. 2018.)

As seções seguintes deste guia apresentam orientações didáticas específicas para a sala de aula sobre o enfrentamento da violência e do abuso sexual.

- **Atividades propostas no livro** - orientações complementares para o uso da obra paradidática com os estudantes.
- **Atividades complementares: roteiros temáticos** - ampliam o trabalho do livro paradidático de acordo com a faixa etária dos estudantes conforme indicação da Unesco.
- **Apêndice** - sugestões de leituras temáticas e materiais audiovisuais para serem trabalhados em sala de aula.

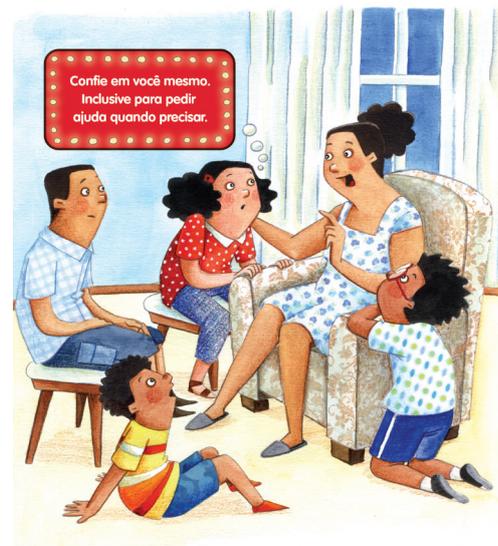


Atividades propostas no livro

Apresentamos, a seguir, algumas orientações e sugestões para o desenvolvimento das atividades propostas no livro **Mina e suas luzinhas: em defesa da infância**, que visam favorecer o importante trabalho de esclarecimento e empoderamento de estudantes e educadores na prevenção e no enfrentamento da violência e do abuso sexual de crianças. Como são questões delicadas e, muitas vezes, polêmicas, sugerimos que, antes de iniciar o trabalho com as crianças, você realize leituras e estudos sobre os conceitos específicos dessa discussão. Veja sugestões na seção **Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual**.

Página 9

A atividade dessa página propõe às crianças que desenhem pessoas com quem convivem e escrevam por que se lembraram delas. O desenho infantil pode ser um importante recurso de identificação de situações de maus-tratos e violência sofridas por crianças. Esse tipo de atividade permite à criança expressar a dor pela qual possa estar passando sem necessidade de verbalização¹⁷. Para perceber possíveis problemas, deve-se prestar atenção nos detalhes, nos personagens e nas formas como os elementos são retratados; contudo, é importante que não haja precipitações e interpretações equivocadas. Se algum desenho suscitar dúvida ou representar indício de angústia em função de agressão, violência ou abuso sexual, é fundamental garantir um espaço de diálogo para que as crianças possam apresentar outras informações sobre o que retrataram. Lembre-se de que esse diálogo demanda calma, atenção e ausência de julgamentos. Não se trata de investigar a situação, mas de garantir um espaço seguro de fala. No caso de suspeita de violência ou abuso sexual, a situação deve ser encaminhada a profissionais da escola que possam lidar adequadamente com ela, como o psicólogo ou a assistente social, ou à direção, que deverá realizar denúncia junto ao Conselho Tutelar. É possível também que o próprio professor faça a denúncia.



Página 20

As atividades dessa página abordam a percepção de risco a partir de situação vivida por um amigo do personagem Edinho: um adulto estranho se aproxima do menino, oferecendo algo muito atrativo, e ele teria se deixado levar, não fosse a intervenção de Edinho.

► **Atividade 1:** incentiva a reflexão sobre o entendimento das crianças a respeito da situação apresentada. Na discussão sobre o que “não cheirava bem” para Edinho, é possível perceber se as crianças compreendem alguns dos elementos presentes em situações de perigo. Proponha um debate sobre como elas avaliam a intervenção de Edinho, observe as respostas e reforce atitudes de autoproteção e cuidado uns com os outros diante de situações consideradas perigosas. Reforce a importância de não aceitar presentes, carona ou vantagens de pessoas estranhas e de pedir ajuda a algum adulto de confiança diante de situações desse tipo.

¹⁷ AMARAL, Ana. **Manifestações do abuso sexual de menores e o desenho:** dores a cores em folhas de papel. Dissertação (Mestrado na área de Psicologia Aplicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal, 2008. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_074>. Acesso em: 12 jul. 2018.



► **Atividade 2:** propõe a utilização de um cartão verde e um vermelho; o primeiro indica situações seguras; o segundo, situações de risco.

Ao realizar essa atividade, é importante reforçar que nem todas as situações representam perigo. Devemos estar atentos para perceber a diferença entre situações perigosas e situações seguras. Observe, conforme os exemplos apresentados, que geralmente em situações de perigo as crianças são abordadas quando estão sozinhas ou em companhia de outras crianças, não havendo um adulto de confiança com elas. Desconfiar desse tipo de situação, se afastar e buscar a ajuda de um adulto de confiança são atitudes de cuidado e autoproteção.

Página 25

As atividades propostas nessa página estão relacionadas a riscos envolvendo o uso de redes sociais.

► **Atividade 1:** propõe uma reflexão sobre o direito de a criança ter sua imagem preservada e protegida. Percebe-se, atualmente, uma elevada exposição da imagem pessoal nas diversas redes sociais, porém, nem todas as pessoas têm consciência dos riscos que isso pode acarretar, sobretudo para crianças. Nesse sentido, promover uma palestra sobre atitudes no uso da internet com foco na proteção das crianças pode ser bastante significativo no processo de orientação dos estudantes e suas famílias. É possível, também, propor a confecção de murais ou panfletos informativos para serem distribuídos a familiares e a pessoas da comunidade. Caso essa atividade suscite questionamentos, recomendamos a leitura da cartilha **Brincar, estudar e... navegar com segurança na Internet!** (disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_075>, acesso em: 13 jul. 2018), produzida pela Associação SaferNet, que se dedica à promoção dos direitos humanos e à educação quanto ao uso saudável e seguro da internet. A associação recebe denúncias de violações dos direitos humanos na internet e indica algumas perguntas que podem ajudar a problematizar algumas situações, facilitando a discussão, como: vocês colocariam uma foto sua ou de um familiar em um poste da rua, no ponto de ônibus ou no portão da escola? A partir das respostas, pergunte: por que fazer isso na internet? Ajude os estudantes a perceberem que imagens e informações disponibilizadas na internet não podem ser controladas, sendo impossível saber quem as acessa e com que intenções faz isso.

► **Atividade 2:** as imagens representam exemplos de formas de exposição de imagem na internet. Imagens neutras, como de brinquedos, paisagens, animais de estimação ou objetos, ou mesmo imagens que não permitam a identificação das crianças, não acarretam riscos se expostas nas redes sociais. Ressalte alguns cuidados que devem ser tomados no uso da internet: não divulgar informações pessoais, como telefone, endereço de casa ou de lugares que frequenta, escola em que estuda, nome completo, fotos pessoais; não abrir a *webcam* para desconhecidos, mesmo que sejam crianças, entre outros.

Informe aos estudantes que a maior parte das redes sociais e aplicativos de troca de mensagens determina limite mínimo de idade para cadastro de usuários: acima de 13 anos. Reforce que, caso ocorra tentativa de contato, ameaça ou convite

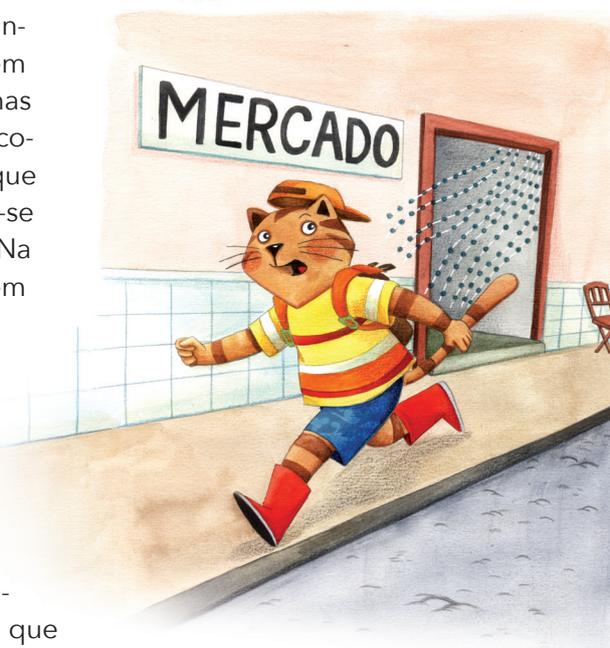


partindo de pessoa estranha na internet, é importante comunicar imediatamente a um adulto de confiança. Pedir ajuda é uma forma de autoproteção. Ajudar os amigos a se protegerem também é muito importante, por isso, oriente os estudantes a avisarem um adulto de confiança sempre que perceberem um amigo ou conhecido se expondo na internet de maneira insegura.

Página 28

Com as atividades dessa página, é possível perceber os avanços da turma quanto à percepção de situações que oferecem risco. Retome a situação vivenciada pelo personagem Tatá, nas páginas **26 a 31**, quando ele aceita o convite do homem para conhecer o mercadinho. Ajude os estudantes a perceberem por que essa é considerada uma situação de risco. Em geral, imagina-se que uma pessoa estranha é alguém que nunca vimos antes. Na verdade, podemos considerar estranha uma pessoa com quem não temos contato e sobre quem não sabemos nada.

- **Atividade 1:** resalte elementos que caracterizam a situação apresentada como de risco: a abordagem do homem a uma criança desacompanhada; a oferta de doces; o convite para entrar sozinho em um lugar desconhecido. É muito importante não aceitar qualquer tipo de presente ou convite de pessoas estranhas. Aproveite o debate que as respostas dos estudantes podem suscitar e discuta a questão da atividade **2**, motivando-os a compartilhar com os colegas conselhos que recebem em casa com relação à autoproteção.



Página 33

Nessa página, apresentamos um labirinto com dois caminhos possíveis. O objetivo é que os estudantes reflitam que o caminho mais curto e mais fácil não é o ideal, pois envolve uma situação de perigo.

- **Atividade 1:** os estudantes deverão indicar o caminho mais seguro para o personagem Marco percorrer ao sair da escola.
- **Atividade 2:** os estudantes deverão justificar a escolha do caminho feita na atividade **1**. O caminho **B** é mais curto e leva Marco até o carro do estranho que lhe oferece carona. O caminho **A** é mais longo, mas leva Marco à casa da avó.

Ressalte que o fato de ver uma pessoa todos os dias ou ser cumprimentado por ela sempre não a torna alguém de confiança. Oriente as crianças a ficarem alertas quando estiverem caminhando sozinhas em qualquer lugar. Assim como devem prestar atenção ao atravessar a rua para não serem atropeladas, elas devem estar atentas ao que acontece à sua volta. Reforce que podem e devem dizer "Não!" em situações de desconforto, medo ou insegurança e oriente-as a se afastar do local onde a situação esteja ocorrendo e/ou pedir ajuda a um adulto de confiança.



Página 41

Nessa página as atividades buscam ampliar a discussão sobre a questão da violência e do abuso sexual a partir da situação retratada nas páginas **36** a **40** com o personagem Lucas, que sofria abuso sexual de uma tia. Em algumas situações, as crianças se sentem desconfortáveis, mas têm dificuldade de compreender o que está errado, principalmente quando

o abusador é alguém conhecido ou da família. Nem todo abuso é feito de forma violenta ou ameaçadora, o que pode deixar as crianças confusas. Sempre que houver incômodo, dúvida, insegurança ou situação suspeita, os estudantes devem procurar alguém de confiança e pedir ajuda.

► **Atividade 1:** caso julgue necessário, esclareça que a palavra "consentir" significa manifestar permissão, ou seja, deixar que alguém faça algo. Os contatos físicos não permitidos são aqueles que não consentimos e que envolvem nossas partes íntimas¹⁸ (que ficam sob a calcinha, o sutiã e a cueca – vulva, seios, nádegas e pênis) ou as de outras pessoas.

► **Atividade 2:** estimule as crianças a expressarem quais as pessoas conhecidas por elas que podem ser consideradas fontes de apoio em caso de situações de perigo. Ajude-as a identificar as pessoas em quem confiam e encoraje-as a pedir ajuda sempre que se sentirem desconfortáveis ou com medo. Elas podem, também, ligar ou pedir a alguém que ligue para o Disque 100 ou avise o Conselho Tutelar.

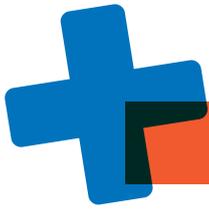
Páginas 46 e 47

As atividades dessas páginas retomam alguns conhecimentos construídos ao longo do livro. Trata-se de um momento importante para verificar as informações mais apreendidas pelas crianças, esclarecer dúvidas e reforçar orientações como:

- não aceitar presentes ou convites de estranhos;
- distinguir pessoas estranhas de pessoas confiáveis;
- discernir situações perigosas de situações não perigosas;
- diferenciar contatos físicos permitidos e contatos físicos não permitidos;
- identificar as pessoas em quem pode confiar e ter coragem de pedir ajuda sempre que algo causar desconforto;
- utilizar a internet de maneira segura e cuidando da autoproteção.

Todas essas atividades podem ser complementadas com outras de aprofundamento, como as sugeridas a seguir. Quanto mais informação for oferecida aos estudantes, mais eles estarão capacitados a se autoprotgerem, a identificarem situações de violência e abuso e a vencerem a dúvida, o medo ou a vergonha de pedir ajuda.

¹⁸ Nos processos de Educação em Sexualidade, procuramos apresentar os nomes corretos dos órgãos sexuais: vulva (parte externa do órgão sexual feminino) e pênis. Apresente os nomes corretos partindo dos nomes conhecidos das crianças. Se julgar conveniente, reproduza para a turma os vídeos 5 (**Conheça e proteja o seu corpo**), 6 (**Não aceite dinheiro ou presente em troca de carinhos**) e 11 (**Cuide de suas emoções e sentimentos**) da campanha **Defenda-se**, que abordam esse assunto. Eles estão disponíveis em: <www.defenda-se.com>. Acesso em: 20 jul. 2018.



Atividades complementares: roteiros temáticos

Os roteiros temáticos propostos a seguir pretendem, de forma complementar, contribuir para o fortalecimento de um processo pedagógico de empoderamento de crianças e adolescentes na prevenção da violência e do abuso sexual, incentivando o desenvolvimento da cidadania.

A elaboração das atividades teve como base ações e propostas presentes em diversos materiais e guias formulados por organizações não governamentais, órgãos públicos, entre outros, sobre questões de gênero, sexualidade e prevenção de violência e abuso sexual¹⁹. Ajuste a proposta de acordo com sua criatividade, disponibilidade, recursos e, sobretudo, de acordo com as características da turma, da escola e da comunidade.

O tema de cada roteiro tem como base as diversas situações apresentadas na obra, e os objetivos e conceitos-chave seguem a indicação da Unesco, orientando quanto aos principais conhecimentos a serem desenvolvidos com cada público-alvo²⁰. Cada roteiro possui atividade de abertura, aquecimento, ampliação da discussão e avaliação.

São propostos, ao todo, cinco roteiros que podem ou não dar origem a outros encontros e atividades a partir dos interesses das crianças. Os **Roteiros 1 a 4** dão início às discussões, introduzindo questões que compõem o processo de aprendizagem para prevenção da violência e do abuso sexual. O **Roteiro 5** poderá ser realizado depois da leitura do livro, para retomar e disseminar os conhecimentos.

Sugira aos estudantes que reúnam as produções artísticas realizadas no desenvolvimento dos roteiros e no trabalho com a obra em um painel, jornal mural ou revista, para que, posteriormente, possam ser expostas na escola ou circular entre a comunidade escolar e as famílias.

Para otimizar o aproveitamento das atividades, é importante dar atenção às seguintes orientações:

► **Estudar conceitos e orientações apresentados.**

Antes de desenvolver as atividades sugeridas, recomendamos a leitura dos conceitos e textos apresentados na seção **Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual** e a realização de pesquisa sobre assuntos que possam gerar dúvidas. Esse processo ajudará na ampliação de conhecimentos importantes para o trabalho de prevenção da violência e do abuso sexual com crianças e/ou adolescentes e de seu enfrentamento.

► **Conhecer todas as propostas do guia, adaptando-as e/ou criando novas.**

Este guia apresenta sugestões de atividades passíveis de adaptação conforme a realidade de cada região, escola ou turma. É importante ler e conhecer antecipadamente todas as atividades para definir a melhor forma de desenvolvê-las.

¹⁹ As referências completas desses documentos podem ser encontradas na seção **Apêndice**. Eles oferecem propostas de reflexões e temas gerais e específicos relacionados a diversas questões.

²⁰ As propostas dos roteiros foram elaboradas com base no documento **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem, publicado pela Unesco em 2014. A Unesco recomenda que os conceitos-chave sejam selecionados pelo educador de acordo com o perfil do público-alvo. Neste guia, classificamos os conceitos-chave a partir das idades geralmente esperadas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: 6 a 8 anos e 9 e 10 anos.

► **Criar um clima de confiança mútua, empatia e acolhida.**

É possível que, ao longo do processo de reflexão, as crianças queiram compartilhar experiências pessoais relacionadas ou não a algum tipo de vitimização por violência ou abuso sexual. Nesse momento, a acolhida e a escuta empática são de fundamental importância para que elas se sintam seguras e confiantes para realizar o relato. Para isso, recomendamos:

- Trabalhar com os estudantes em círculos²¹. Essa disposição favorece o diálogo e a escuta, pois permite que todos os componentes do grupo se vejam, fortalecendo o sentido de comunidade.
- Utilizar, se preciso, um objeto para marcar e organizar os momentos de fala: quem estiver de posse do objeto tem a oportunidade de falar e de ser ouvido por todo o grupo. Mais do que um exercício de fala, esse é um importante exercício de escuta. O objeto pode ser previamente definido ou escolhido pela turma; o importante é que todos o reconheçam como tal.
- Combinar com o grupo que as situações e informações relatadas na atividade não devem ser comentadas com outras pessoas, estimulando um ambiente de confiança, em que todos se sintam à vontade para se expressar livremente. Reforce que não é necessário compartilhar segredos ou assuntos pessoais delicados. Nesses casos, coloque-se à disposição para uma conversa privada depois da atividade. Se for procurado, tente manter a calma, acolher a criança por meio de escuta empática²² e, se necessário, providenciar encaminhamento. De acordo com os princípios da comunicação não violenta, a escuta empática é a capacidade de ouvir sem tecer qualquer tipo de julgamento, sem tentar dar respostas imediatas ou ansiosas e sem desmerecer ou desqualificar o que o outro sente. Na seção **Rede de proteção**, há orientações e sugestões de outras leituras sobre como proceder em caso de constatação de situações de violência ou abuso sexual.
- Incentivar e retomar, sempre que necessário, acordos e combinados sobre a escuta atenta e respeitosa, lembrando que não é necessário concordar com o que é dito, mas é preciso respeitar o direito de cada pessoa expressar sua opinião.

► **Incentivar a corresponsabilidade pelo processo.**

Distribua tarefas sempre que possível e estabeleça outros acordos e combinados necessários para a realização das atividades e reflexões.

► **Não ter medo de dizer “não sei” e de pesquisar.**

Em caso de dúvidas ou desconhecimento de questões trazidas pelas crianças, explique que buscará a informação e que a resposta será dada em outro momento. Busque, então, apoio para oferecer a resposta (converse com alguém, pesquise), mas não deixe de dar um retorno.

É necessário ouvir as dúvidas e os questionamentos com calma e, antes de responder a eles ou comentar alguma questão, compreender com clareza a situação relatada. Para isso,

²¹ Para saber mais sobre processos circulares, consulte o **Guia de práticas circulares no coração da esperança**, disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_076>. Acesso em: 18 jul. 2018.

²² ROSENBERG, M. B. **Comunicação não violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

recomendamos refazer a pergunta, verificar de onde vem a dúvida ou do que de fato a criança está falando e só então responder de maneira adequada, isto é, com linguagem clara e de forma objetiva.

► **Envolver, se possível, a comunidade escolar na campanha contra a violência sexual.**

Sensibilizar famílias, outros professores, gestores e demais integrantes da comunidade escolar é uma ação importante para o êxito do processo. Nesse sentido, recomendamos a realização de palestras com especialistas para esclarecimento de diversos assuntos que compõem a questão, reuniões com familiares e responsáveis pelos estudantes a fim de apresentar a proposta de trabalho, os objetivos e as ações pensadas ou programadas, distribuição de material informativo (cartazes, panfletos, pôsteres), entre outras possibilidades.

Roteiro 1 Família

No início da história, nas páginas **7** e **8**, Mina se apresenta e fala de sua família. Esta é uma boa oportunidade para discutir o conceito de família, promovendo o respeito e a valorização da diversidade de famílias existentes na turma e na comunidade. Lembre-se de que os conceitos-chave visam auxiliar a discussão sobre os principais conhecimentos que devem ser fortalecidos em cada faixa etária ao longo das atividades propostas.

Temas para discussão: diversidade, direitos humanos.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE ²³
<p>Definir o conceito de família com exemplos dos diferentes tipos de estruturas familiares.</p> <p>Famílias podem ser compostas de diferentes formas, e todas são importantes, devendo ser reconhecidas, valorizadas e ter seus direitos garantidos.</p>	<p style="text-align: center;">6 a 8 anos</p> <ul style="list-style-type: none"> • A maioria das crianças é criada e educada por uma família constituída ou não por laços de sangue ou parentesco. • A composição das famílias muda ao longo do tempo. • Quando se tornam adultas, muitas pessoas constituem suas próprias famílias. • Existem vários tipos de famílias, sendo que todas são importantes e devem ser reconhecidas. • Os membros da família têm diferentes necessidades e papéis. Desigualdades de gênero refletem nos papéis e responsabilidades de cada um. • Em geral, os membros da família cuidam uns dos outros. • As famílias constroem e compartilham regras e valores entre seus membros.

²³ As informações das tabelas de objetivos e conceitos-chave deste guia reproduzem conteúdo do documento **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília, DF: Unesco, 2014. p. 21. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_027>. Acesso em: 24 ago. 2018.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE
<p>Definir o conceito de família com exemplos dos diferentes tipos de estruturas familiares.</p> <p>Famílias podem ser compostas de diferentes formas, e todas são importantes, devendo ser reconhecidas, valorizadas e ter seus direitos garantidos.</p>	<p style="text-align: center;">9 e 10 anos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entre os diversos tipos de família estão: nuclear, estendida, homoafetiva, homoparental, sem filhos, chefiada por pai, mãe, avós, madrastas, padrastos, tutores ou crianças. • As famílias podem promover a igualdade em termos de papéis e responsabilidades. • Desentendimentos e conflitos são comuns nas famílias, mas o respeito entre os membros pode ajudar a manter o equilíbrio das relações. • As famílias transmitem valores às crianças e podem influenciar suas escolhas. • A comunicação é importante para um bom relacionamento familiar. • Os membros da família podem orientar e apoiar as decisões de seus integrantes. • Diversos fatores podem afetar a estrutura das famílias, como: nascimento, adoção, casamento, divórcio, separação, desemprego, prisão, envelhecimento, doença, morte e mudança geográfica. • Mudanças econômicas e sociais podem afetar a dinâmica familiar.

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h a 2h.
- ✓ **Espaço físico:** ambiente em que a turma possa se sentar em círculo para as discussões, mas onde possa também realizar desenhos (em mesinhas ou sentadas ou deitadas no chão).
- ✓ **Recursos necessários:** imagens variadas de diferentes tipos de composição familiar, folhas de papel sulfite, lápis preto e lápis de cor.
- ✓ **Abertura:** com os estudantes dispostos em círculo, apresente os objetivos da atividade (tabela). Aproveite para estabelecer combinados, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar de comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade. Se a turma já tiver uma lista de combinados, retome-a, acrescentando novos tópicos.
- ✓ **Aquecimento:** questione os estudantes sobre o que eles entendem por família. Pergunte com quem moram, quem faz parte de sua família. Ouça-os com atenção e, em conjunto, faça um apinhado das respostas com os tipos de família apresentados. Para enriquecer a discussão, sobretudo com as crianças menores, se possível, reproduza o vídeo: **Guigo descobre o que é família** (disponível na internet), retomando, no final, os conceitos-chave previstos para este roteiro. Reforce a ideia de que cada família é de um jeito e todas devem ser respeitadas. Com crianças maiores, sugerimos aprofundar o questionamento perguntando o que uma família precisa para viver bem. Acolha as respostas e os valores expressos sem julgamentos, ressaltando a importância do direito à moradia adequada, à educação, à saúde, ao lazer, à proteção. Se julgar oportuno, apresente o conceito de direitos humanos, lembrando que nem sempre eles são respeitados. É possível que, na conversa, surjam questões relacionadas a desigualdades sociais. Nesse caso, desenvolva outras atividades que possam ajudar as crianças a refletirem, entre outras coisas, sobre a importância da união das pessoas para conquistar seus direitos. Se houver tempo, crie um espaço para apresentar as respostas dos estudantes, como um mural com recortes de imagens que representem o que uma

família precisa para viver bem. Eles poderão, ainda, realizar pesquisa sobre os direitos humanos, criar vídeos, murais, revista ilustrada sobre eles²⁴. Cite exemplos da própria comunidade, em que pessoas se uniram em benefício de algo ou de alguém. Se julgar oportuno, apresente o caso de Malala Yousafzai, menina paquistanesa que luta pelo direito à educação das meninas no seu país.

✓ **Ampliando a discussão:** finalizada a primeira etapa da atividade, estabeleça a personagem principal do livro, Mina, como uma nova amiga que ensinará atitudes muito importantes para a proteção das crianças. Caso tenha optado por associar o roteiro à leitura do livro, este é um bom momento para realizar a leitura das páginas **7 e 8** (e outras que julgar pertinentes). Caso a turma já tenha lido o livro ou o capítulo inicial, resgate a descrição da família de Mina: monoparental (em que os filhos são criados apenas por um dos pais, no caso, a mãe), de poucos recursos financeiros. Peça aos estudantes que desenhem suas famílias. Depois, apresente as imagens das diferentes constituições familiares possíveis. Converse com a turma sobre cada uma das imagens, descrevendo cada tipo de composição familiar, ressaltando que várias constituições são possíveis e que todas devem ser respeitadas. É importante estar atento aos desenhos produzidos, conversando com as crianças individualmente sobre o que retrataram, observando as representações das pessoas e o conforto ou desconforto ao retratá-las. Se julgar oportuno, proponha a realização de uma brincadeira de roda utilizando uma canção que aborde o tema família. De acordo com a música, defina algumas ações: bater palmas, bater pés, rodar para um lado ou para outro. A música “Família”, de Rita Rameh e Luiz Waack²⁵ (disponível na internet), pode ser uma boa opção. Nesse caso, você pode ensinar a letra aos estudantes para que cantem enquanto dançam em roda.

✓ **Avaliação:** proponha a realização de um momento em que o grupo relate suas impressões sobre a atividade realizada, o encontro, o assunto discutido. Nessa ocasião, é importante retomar os combinados sobre a escuta respeitosa e a liberdade de expressão de sentimentos e opiniões. Peça aos estudantes que expressem como se sentiram durante as atividades e coloque-se à disposição caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto.

Roteiro 2 Valores

Nas páginas **10, 11 e 12**, Mina conta uma história do passado, quando sua família enfrentou um momento de dificuldade. Ela relata uma importante conversa que a mãe teve com ela e os irmãos sobre ajudar a avó, serem obedientes e responsáveis por eles mesmos. Neste roteiro, a ideia é propor reflexão sobre os valores praticados em família e a repercussão deles na convivência cotidiana: em casa, na escola, na interação com amigos, entre outras situações. Trataremos de maneira especial a **solidariedade** e a **responsabilidade**. Lembre-se de que os conceitos-chave apresentam importantes conhecimentos sobre a relação entre valores e comportamentos que contestam, previnem ou reforçam a questão da violência e do abuso sexual.

Temas para discussão: confiança, direitos das crianças.

²⁴ Consulte na internet o resumo simplificado da Declaração dos Direitos Humanos feito por Frei Betto para facilitar a compreensão: Direitos Humanos em versão Popular.

²⁵ RAMEH, Rita; WAACK, Luiz. “Família”. In: **Por quê?**. Tratore, 2006. Faixa 5.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE
<p>Identificar valores como convicções compartilhadas com base na cultura da época.</p> <p>Reconhecer que nem sempre os valores pessoais (por exemplo, morais e religiosos) estão em conformidade com aqueles considerados importantes para a vida em sociedade, os quais devem ser pautados pelos direitos humanos.</p>	<p style="text-align: center;">6 a 8 anos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Valores são convicções fortes mantidas por pessoas, famílias e sociedades a respeito de questões consideradas importantes. • De modo geral, as famílias transmitem seus valores às crianças. • Valores e crenças podem orientar ações e decisões sobre vida e relacionamentos. • Pessoas, pares, famílias e comunidades podem ter valores diferentes e devem ser respeitados, desde que não estejam em desacordo com os direitos humanos.
	<p style="text-align: center;">9 e 10 anos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na maioria das famílias, as mães e os pais ensinam e dão o exemplo de seus valores a seus filhos e filhas. • A transmissão de valores ocorre por meio de palavras, expressões, atitudes e comportamentos. • Os valores e as atitudes transmitidos pelas famílias e comunidades podem ser fontes de nosso aprendizado sobre sexualidade. • Os valores de uma pessoa podem mudar ao longo da vida. • Os valores referentes a gênero, relacionamentos, intimidade, amor, sexualidade e reprodução influenciam o comportamento e a tomada de decisões pessoais. • Os valores culturais influenciam a igualdade e as expectativas de gênero masculino e feminino. • Os valores culturais podem ser questionados e reformulados.

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h30 a 2h.
- ✓ **Espaço físico:** ambiente que permita a movimentação da turma.
- ✓ **Recursos necessários:** vendas para os olhos de tecido ou TNT, equipamento de áudio, música animada, televisor ou projetor multimídia, barbante, fita adesiva, cones de sinalização (ou objetos que possam ser usados com essa finalidade).
- ✓ **Abertura:** com os estudantes dispostos em círculo, apresente os objetivos da atividade (tabela). Aproveite para estabelecer combinados, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade. Se a turma já tiver uma lista de combinados, retome-a, acrescentando novos tópicos. Peça aos estudantes que deem o significado das palavras **solidariedade** e **responsabilidade**. Ouça com atenção e faça um apanhado das respostas.
- ✓ **Aquecimento:** com crianças de 6 a 8 anos, organize a turma em duplas ou trios e combine que haverá um revezamento nos papéis durante a atividade. Organize previamente, se possível, um circuito com alguns obstáculos simples, como contornar um cone, passar por baixo de um barbante ou corda, pular uma linha de fita adesiva no chão, tocar algumas texturas diferentes. Cada dupla ou trio receberá uma venda. Na primeira rodada, um estudante será vendado e realizará o percurso guiado

pelos colegas. Peça que definam os papéis de cada criança na dupla ou trio. As orientações de quem guiará o estudante vendado devem ser claras e precisas. No caminho, o guia deverá ser muito cuidadoso e responsável com quem está vendado: não o deixar tropeçar ou esbarrar em outras crianças ou objetos; ajudá-lo a caminhar pelo circuito passando pelos obstáculos com segurança, até chegar ao final do percurso. Proponha o número de rodadas suficiente para que todos os estudantes tenham a experiência de guiar e serem guiados. Ao final, peça que sentem novamente em círculo e relatem, um a um, como se sentiram no papel de guia e como se sentiram no papel de guiado. A partir dessas experiências, ressalte a importância do autocuidado e do cuidado com o outro, da responsabilidade de se autoprotger e de proteger o outro. Amplie a discussão para situações do cotidiano da turma: nas brincadeiras na escola, em casa com irmãos e amigos. Reforce a necessidade de praticar atitudes de apoio e ajuda quando alguém tem dificuldades. Com estudantes de 9 e 10 anos, organize a turma em trios com crianças de alturas relativamente próximas. Defina uma linha de partida e uma linha de chegada. Desafie os trios a atravessarem o percurso de um ponto a outro: dois estudantes deverão levar o terceiro em uma cadeirinha feita com os braços. Ao concluírem o trajeto, deverão trocar os papéis, de modo que os três estudantes tenham a experiência de carregar e serem carregados. Cuidado para que o desafio não se torne uma competição e haja correria. Se possível, durante a atividade, coloque uma música que ajude os trios a estabelecerem um ritmo. O desafio é que todos sejam carregados ao menos uma vez na cadeirinha da amizade. Defina previamente com clareza o combinado fundamental de carregar o colega com cuidado e de maneira respeitosa, sem deixá-lo cair. Finalizado o desafio, proponha aos estudantes que reflitam sobre como cada um se sentiu nos dois papéis desempenhados: houve dificuldade? Foram auxiliados? Houve solidariedade no trio? Houve responsabilidade no desenvolvimento do desafio? Todos foram responsáveis no cumprimento das orientações de não deixar o colega cair, de serem cuidadosos e respeitosos? Retome os conceitos-chave em linguagem facilitada para que as crianças compreendam e possam rever sentimentos com relação aos valores e aos comportamentos de autoproteção, solidariedade, responsabilidade e cuidado com o outro. Converse com a turma sobre a confiança que sentimos e transmitimos quando somos cuidadosos com o outro. Ressalte que todos convivemos com pessoas que podem nos fazer sentir seguros, com quem podemos contar e a quem podemos pedir ajuda. Auxilie as crianças a identificarem as pessoas de seu convívio em quem podem confiar ou com quem podem contar em situações de medo ou incômodo. **Observação:** as duas atividades podem ser realizadas tanto com crianças menores quanto maiores, dependendo do perfil da turma e do entendimento sobre o desenvolvimento de um ou dos dois desafios.

✓ **Ampliando a discussão:** leia ou retome o texto das páginas **10 a 12** do livro, resgatando os elementos que apontam a dimensão da solidariedade e da responsabilidade entre Mina e seus irmãos. Ressalte que todos podemos perceber quando algo não está certo, assim como as luzinhas mencionadas no texto, que se acendem mostrando aos personagens que algo está errado. Para contemplar reflexões importantes quanto aos valores que orientam nossas ações e nossas relações ao longo da vida, retome os conceitos-chave de cada faixa etária durante toda a atividade. Se julgar oportuno, apresente o videoclipe da música "Pequeno cidadão"²⁶, disponível na internet, propondo uma reflexão sobre a questão das responsabilidades das crianças no dia a dia, no autocuidado e no cuidado das coisas e pessoas com quem convivem. A música destaca não somente a dimensão de cuidar das próprias coisas e respeitar horários como elementos que refletem responsabilidade e educação, mas também o reconhecimento do lazer, da diversão e da brincadeira como direitos muito importantes na vida das crianças. Aproveite a

²⁶ ANTUNES, Arnaldo; PINTO, Antônio. "Pequeno cidadão". In: **Pequeno cidadão**. MCD, 2016. Faixa 1.

discussão sobre responsabilidades e direitos para perguntar quais outros direitos as crianças têm, além do direito de brincar. Este é um bom momento para apresentar os direitos das crianças e dos adolescentes ou sugerir aos estudantes que pesquisem sobre o assunto. Dependendo da maturidade da turma, sugerimos o trabalho com o livro **Direitos Universais das crianças e dos jovens**, de Flavio de Souza (São Paulo: FTD, 2016). Eles poderão fazer uma leitura compartilhada e, depois, discutir cada item, além de produzir desenhos e/ou colagens para compor uma exposição final. Comente que, mesmo que no Brasil haja leis que garantam os direitos das crianças e dos jovens, nem sempre elas são respeitadas. Há crianças, por exemplo, que sofrem com algum tipo de violência em casa ou em outros lugares. Oriente que, nesses casos, é necessário buscar ajuda de pessoas de confiança para contar o que está acontecendo.

✓ **Avaliação:** para finalizar, retome os sentimentos e os aprendizados vivenciados durante as atividades, o que mais marcou os estudantes, do que eles mais gostaram. Coloque-se à disposição caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto.

Roteiro 3 Identidade

Neste roteiro, a proposta é refletir sobre identidade, diversidade e a importância de sermos felizes como somos. A reflexão sobre a identidade parte da identificação de Mina e seus irmãos com personagens de histórias infantis, na página **15** e ao longo de toda a história. A leitura desse trecho do livro ou o resgate dessa parte da história pode ser um bom pretexto para discutir com as crianças a própria identidade, fortalecendo a autoestima e a capacidade de atribuir valores positivos a si mesmas. Os conceitos-chave apontam a necessidade de discutir as questões relacionadas aos papéis sociais atribuídos a cada gênero, o que, por sua vez, está associado à importância de educar para a igualdade entre os gêneros, tema fundamental para a construção de uma cultura de respeito e cuidado, que provoque um rompimento com a cultura que gera violência e abuso sexual. Outras questões ligadas à diversidade humana também podem surgir e ser abordadas na atividade, como a diversidade étnico-racial, de religião, de estrutura física, a ocorrência de deficiências, entre outras. É fundamental destacar a questão do respeito entre todas as pessoas e a dimensão do direito de cada um ser feliz e respeitado exatamente como é.

Temas para discussão: papéis sociais de gênero, preconceitos, autoestima.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE
<p>Propiciar a compreensão sobre gênero, sexo e sexualidade e discutir como as normas sociais de gênero limitam as vivências de homens e mulheres e devem ser problematizadas.</p>	<p>6 a 8 anos</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Famílias, escolas, amigos, meios de comunicação e a sociedade são fontes de aprendizado sobre normas e expectativas de gênero. • As atividades exclusivas para meninos e meninas são impostas pela cultura e podem ser alteradas. • As tarefas domésticas cotidianas, de maneira geral, podem ser executadas por homens e por mulheres. • Meninos e meninas podem participar igualmente das mesmas brincadeiras e jogos. • Existem diferentes formas de ser menina e menino.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE
<p>Propiciar a compreensão sobre gênero, sexo e sexualidade e discutir como as normas sociais de gênero limitam as vivências de homens e mulheres e devem ser problematizadas.</p>	<p>9 e 10 anos</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • As normas sociais e culturais influenciam as expectativas de gênero. • Estereótipos de feminilidade associam às mulheres características como passividade, afetividade, fragilidade, emotividade e habilidade para cuidar. • Estereótipos de masculinidade associam aos homens características como agressividade, força, objetividade, racionalidade, competitividade e habilidade para a vida pública. • Os estereótipos relacionados ao feminino e ao masculino limitam as vivências de homens e mulheres. • Existem desigualdades de gênero em famílias, relacionamentos amorosos, amizades, comunidades e sociedade. • Todas as pessoas são responsáveis por superar a desigualdade de gênero. • Os direitos humanos promovem a igualdade entre todas as pessoas.

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h30 a 2h.
- ✓ **Espaço físico:** ambiente que permita o trabalho em círculo e momentos de calma, silêncio e relaxamento.
- ✓ **Recursos necessários:** barbante, caixa pequena com tampa para a dinâmica da “batata-quente inteligente”, colchonetes, cadeiras ou almofadas, materiais para desenho e pintura, equipamento de áudio, músicas diversas, televisor ou projetor multimídia.
- ✓ **Abertura:** com os estudantes dispostos em círculo, apresente os objetivos da atividade (tabela). Aproveite para estabelecer combinados, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade. Se a turma já tiver uma lista de combinados, retome-a, acrescentando novos tópicos. Oriente que esta atividade visa trabalhar a percepção de si mesmo, gostos e preferências, tudo que se resume à identidade de cada um.
- ✓ **Aquecimento:** proponha a realização do jogo “batata-quente inteligente”. A batata-quente pode ser uma caixa decorada e fácil de ser segurada. Dentro dela deve haver imagens ou perguntas sobre “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, isto é, noções, papéis e comportamentos geralmente atribuídos a um ou a outro gênero. A caixa deve circular entre os estudantes do círculo enquanto toca uma música. Ao parar a música, a criança que estiver com a caixa deverá abri-la e retirar uma imagem ou uma pergunta. Se necessário, um colega ou o professor poderá ler o que está escrito, de modo que todos possam responder à questão ou reflexão sorteada. Apresente os conceitos-chave (tabela) em linguagem facilitada para que as crianças os compreendam. Elas podem contribuir na reversão de possíveis preconceitos e estereótipos quanto aos papéis de cada um na sociedade. Se possível, complemente as questões apresentando imagens e/ou outros elementos audiovisuais que possam ajudar a desconstruir esses preconceitos e estereótipos. Para manter o interesse da turma, é importante que não haja excesso de perguntas ou frases para que a atividade não se torne cansativa.

Sugestões de questões para o jogo:

• **Verdadeiro ou falso? Menino não chora. Chorar é coisa de menina!**

Todas as pessoas têm sentimentos e devem expressá-los da maneira como sentirem necessidade. Chorar não é expressão de fraqueza ou de falta de coragem. É um ato natural e comum a todas as pessoas. O choro pode indicar dor, tristeza, emoção, alegria, entre muitos outros sentimentos.

• **Verdadeiro ou falso? Mulher não sabe jogar futebol, esse é um esporte de homem!**

Todos os esportes podem ser praticados por todas as pessoas. Basta apenas que gostem. Aproveite a oportunidade para conversar com a turma sobre a seleção brasileira de futebol feminino e a jogadora Marta, que tem títulos importantes em sua carreira no futebol.

• **Verdadeiro ou falso? Homem não lava louça! Isso é coisa de mulher!**

Todos os moradores de uma casa são responsáveis pelo seu cuidado. Pergunte aos estudantes quem costuma ajudar nas tarefas de casa. Crianças dessa faixa etária podem contribuir em atividades como arrumar a cama, enxugar ou guardar a louça, cuidar do animal de estimação, arrumar seu quarto, entre outras. Mostre imagens de homens cozinhando, limpando, cuidando dos filhos. Peça aos estudantes que compartilhem referências de homens de sua família ou de seu convívio que contribuem nas atividades domésticas.

• **Verdadeiro ou falso? Menino não pode fazer balé. Isso é coisa de menina!**

Todas as atividades físicas e/ou profissões podem ser desenvolvidas por qualquer pessoa; basta que ela goste e se sinta bem ao praticá-las.

• **Verdadeiro ou falso? Meninos e meninas podem brincar de carrinho!**

Todas as pessoas podem brincar do que quiserem, desde que a brincadeira seja segura.

• **Verdadeiro ou falso? Meninas não andam de skate, isso é brinquedo de menino!**

Todas as pessoas podem brincar do que quiserem, desde que a brincadeira seja segura.

Depois de realizar a atividade, reproduza para a turma o vídeo 10 (**Meninas e meninos devem ter os mesmos direitos**), da campanha **Defenda-se**. Ressalte a importância de respeitar o direito de cada um ser feliz do jeito que é e pelas coisas de que gosta ou com as quais se identifica.

✓ **Ampliando a discussão:** retome, no capítulo **Para a casa da vovó** (páginas **14** e **15**), o fato de cada um dos irmãos se identificar com um personagem de uma história infantil (Tatá: Gato de Botas; Mina: Chapeuzinho Vermelho; Edinho: Peter Pan; e Marco: João e o pé de feijão). Peça aos estudantes que comentem seu personagem preferido de filme ou livro ou com o qual se identificam. Convide-os, então, a realizar um momento especial de autocuidado. Solicite que se sentem confortavelmente em círculo, coloque uma música suave e promova um momento de relaxamento: peça que ouçam a música e respirem profundamente, procurando acalmar a mente e o coração. Oriente-os a, em silêncio, refletir sobre o próprio corpo, reconhecendo cada parte dele. Faça comentários que favoreçam o fortalecimento da autoestima, a dimensão do autocuidado, da aceitação de si, do próprio corpo. Chame a atenção das crianças para o fato de que suas partes íntimas só podem ser tocadas por elas mesmas ou por outra pessoa em caso de necessidade (dar banho, limpar quando for ao banheiro). Oriente-as a ficar atentas: se alguém tocar suas partes íntimas de maneira que fiquem com medo ou incomodadas, elas devem afastar a mão da pessoa e contar o que aconteceu imediatamente a alguém em quem confiam. Nos processos de Educação em Sexualidade, procuramos ensinar os nomes corretos dos órgãos sexuais: vulva (que é a parte externa do órgão sexual feminino), nádegas,

seios, pênis. Para facilitar a compreensão, tome como base os nomes que as crianças conhecem para, então, ensinar os nomes corretos²⁷. Encerre a dinâmica motivando que elas abracem a si mesmas. Sugira a produção de um autorretrato. Os desenhos poderão compor um mural na sala de aula ou uma revista que mostre a diversidade da turma, ressaltando sua beleza. Para complementar os autorretratos, proponha que escrevam sua cor ou comida preferida, a brincadeira de que mais gostam, um talento, um *hobby*, um personagem com quem se identificam etc. Para motivar a produção, se possível, apresente músicas que tratem da diversidade, como “Coloridos”, do grupo Palavra Cantada²⁸, “Ser diferente é normal”, com Gilberto Gil e Preta Gil²⁹, e “Diversidade”, de Lenine³⁰.

✓ **Avaliação:** para finalizar, retome os sentimentos e os aprendizados vivenciados durante as atividades, o que mais marcou os estudantes, do que mais gostaram. Coloque-se à disposição caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto.

Roteiro 4 Amizade

Por causa de um problema de saúde de sua mãe, Mina e seus irmãos tiveram de passar um tempo na casa da avó. Essa mudança os deixou apreensivos e na expectativa quanto a conseguirem fazer amizades tanto na nova vizinhança quanto na nova escola. Com o tempo, eles conseguiram se enturmar e fazer novos amigos. A proposta deste roteiro é refletir sobre a importância da amizade e do afeto na vida das pessoas. Os conceitos-chave evidenciam que as relações de afetividade, por vezes, podem envolver conflitos, mas que a vivência do afeto deve promover bem-estar e segurança.

Temas para discussão: diversidade, respeito, valorização da afetividade e da expressão de afeto, reconhecimento e diferenciação entre carinho e abuso.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE
Explicar que relacionamentos são interações que podem ter como base a amizade e o afeto, mas também podem envolver conflitos e desacordos.	6 a 8 anos
	<ul style="list-style-type: none"> • Existem diferentes tipos de amizade. • As pessoas podem ter muitos ou poucos amigos e amigas. • Os amigos podem ser de qualquer sexo, etnia, idade, classe social, podem ter ou não deficiências. • As amizades são baseadas em confiança, respeito, compartilhamento, empatia e solidariedade. • Muitas vezes ocorrem conflitos entre amigos, mas o respeito às diferenças de opinião ajuda a manter as amizades. • Geralmente, as pessoas têm diversas experiências amorosas ao longo da vida.

²⁷ Alguns vídeos da campanha **Defenda-se** ajudam a esclarecer dúvidas sobre partes íntimas: vídeo 9 (**Identifique quais carinhos são bons e quais são abusivos**) e vídeo 11 (**Cuide de suas emoções e sentimentos**), por exemplo. Eles apresentam informações sobre o que fazer no caso dos carinhos que deixem as crianças desconfortáveis. Os vídeos estão disponíveis em: <www.defenda-se.com>. Acesso em: 18 jul. 2018.

²⁸ PERES, Sandra; TATIT, Paulo. “Coloridos”. In: PALAVRA Cantada. **Vem brincar**. Palavra Cantada Produções Musicais, 2016. Faixa 7.

²⁹ VENCESLAU, Vinicius; XAVIER, Adilson. “Ser diferente é normal”. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_111>.

³⁰ LENINE. “Diversidade”. In: **LENINE.doc Trilhas**. Casa 9, 2010. Faixa 10.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE
<p>Explicar que relacionamentos são interações que podem ter como base a amizade e o afeto, mas também podem envolver conflitos e desacordos.</p>	<p>9 e 10 anos</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Existem diferentes formas de expressar amizade: abraços, carinhos, bilhetes, depoimentos em redes sociais. • As pessoas escolhem seus amigos e amigas, geralmente, com base em afinidade de pensamento, comportamento, gostos e preferências. • É comum que amizades e relacionamentos amorosos terminem. • Etnia, classe social, idade, orientação sexual e identidade de gênero não devem ser barreiras para a formação de amizades e relacionamentos amorosos. • Todas as pessoas são capazes de dar e receber afeto. • A igualdade deve ser a base de todos os relacionamentos. • Para que haja igualdade, deve haver respeito mútuo às diferenças de etnia, classe social, orientação sexual, identidade de gênero, entre outras. • Amizade e/ou amor ajudam as pessoas a se sentirem bem com elas mesmas e com os outros.

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h30 a 2h.
- ✓ **Espaço físico:** ambiente com espaço para atividades em círculo, produção de desenhos e momentos de relaxamento.
- ✓ **Recursos necessários:** barbante ou lã, cadeiras para todos, papel pardo, fita adesiva, materiais para desenho e pintura, equipamentos de áudio, televisor ou projetor multimídia.
- ✓ **Abertura:** retome os combinados, resgatando discussões e aprendizados anteriores. Apresente a proposta de reflexão sobre a amizade e a importância de ter amigos.
- ✓ **Aquecimento:** proponha a realização de um jogo como forma de evidenciar as diferenças e semelhanças existentes na turma. Nesse jogo, as crianças deverão se sentar em cadeiras formando um círculo fechado e uma delas deverá ficar em pé no centro do círculo. É ela quem dará o comando, citando uma característica, como "Fulano (diz o nome de um colega que esteja sentado), eu gosto de você porque você tem cabelo preto" e todas as crianças que têm cabelo preto deverão trocar de lugar entre si ao mesmo tempo. Nesse momento, a criança que está no centro, de pé, deverá ocupar uma das cadeiras vazias. Depois que todos se sentarem, sobrá outra criança em pé. Ela dará o novo comando seguindo o exemplo. Os comandos podem envolver, por exemplo: ser menino ou menina, cor do sapato, usar brincos, anéis, tênis ou sandálias, cor ou tamanho dos cabelos, ter nariz, ter orelhas, ser alegre, ser estudioso etc. Deixe que a atividade ocorra por um tempo, enquanto a turma estiver animada. Ao final, destaque a diversidade de pessoas e de características pessoais existentes na turma.
- ✓ **Ampliando a discussão:** leia ou retome os capítulos **Um novo lar e uma nova escola** e **Não confie em estranhos**, do livro. Eles relatam as expectativas de Mina quanto a fazer amigos na nova escola, bem como a situação de risco vivida por Edinho e seus amigos. Ressalte que, graças à atenção de Edinho, a situação teve um bom desfecho. Destaque a importância de fazer e acolher

novos amigos. Converse com a turma sobre os cuidados que devemos ter conosco e com nossos amigos. Ressalte a importância do autocuidado e do cuidado com os amigos quando percebemos que alguma coisa ou situação não é segura. Retome, como exemplo, a situação exposta no capítulo **Não confie em estranhos** (página 18), promovendo um debate sobre situações seguras e situações que representam perigo. Com crianças de 6 a 8 anos, após a discussão, proponha que observem a própria mão, reparando na diferença entre os dedos. Ressalte que essas diferenças são fundamentais para a realização das atividades cotidianas: escrever, pegar coisas grandes e pequenas etc. Se todos os dedos fossem do mesmo tamanho, algumas atividades seriam prejudicadas ou mais difíceis. Assim como os dedos, as pessoas também são diferentes. Resgate os conceitos-chave adequados para a idade, em linguagem compreensível para as crianças. Proponha, então, a construção da Árvore da Amizade: defina um local do ambiente e fixe o desenho de um tronco de árvore feito com papel pardo. Convide as crianças a desenharem o contorno da mão em uma folha de papel sulfite. Peça a cada uma que escreva seu nome em um dos dedos, e, nos outros, os nomes dos amigos. Peça também que recortem a mão desenhada e a cole no tronco, montando a copa da árvore. Ao final da atividade, é importante convidar a turma a apreciar a árvore finalizada, resgatando informações sobre a questão do cuidado conosco e com os nossos amigos. Reforce que na amizade não cabe a violência. Quando, por exemplo, um amigo ou amiga diz “Não!” em uma brincadeira, temos que respeitar seu desejo. Esse pode ser um bom momento de ouvir as crianças sobre seus hábitos nas brincadeiras, amigos, sobre brincadeiras preconceituosas etc. Reforce que brincadeira boa é aquela em que todos se divertem e se sentem bem. Com crianças de 9 e 10 anos, proponha a construção da Rede da Amizade. Com elas dispostas em círculo, segure a ponta de um barbante ou lã e jogue o rolo a uma criança dizendo o nome dela e uma característica positiva. Essa criança deve repetir o movimento com um colega: segura e joga o rolo de barbante ou lã para outra criança, dizendo seu nome e uma característica positiva. A rede estará pronta quando todos tiverem realizado o movimento e estiverem segurando uma ponta da rede. Se julgar conveniente, coloque uma música e proponha à turma que dance em roda sem deixar a rede desmanchar. Pode-se utilizar a música “Normal é ser diferente”, do grupo Grandes Pequeninos. O videoclipe está disponível na internet. Converse com os estudantes sobre a importância da união entre os amigos. Retome os conceitos-chave que podem amparar a reflexão, sempre em linguagem facilitada para que eles compreendam. Para fechar a discussão, proponha uma atividade de relaxamento circular. Reproduza uma música suave e oriente as crianças a respirarem profundamente, alongando os braços, pescoço e pernas. Sugira aos estudantes uma dinâmica de massagem do próprio corpo (mãos ou pés) ou de um boneco. Ressalte a diferença entre toque carinhoso e toque abusivo. Retome discussões e orientações anteriores quanto ao que fazer quando sentir um toque abusivo ou incômodo. Resgate do livro situações em que Mina e seus irmãos ajudaram os amigos a se protegerem de situações arriscadas e ressalte que os amigos podem e devem ajudar uns aos outros, sobretudo para que todos se sintam seguros.

✓ **Avaliação:** peça aos estudantes que relatem suas impressões e sentimentos com relação às atividades e reflexões realizadas. Valorize a expressão dos sentimentos. Para encerrar, peça a todos que deem as mãos, formando um círculo, olhem para o colega da direita e digam: “Eu preciso de você”; o colega deve responder: “Pode contar comigo”. Depois, eles deverão repetir a atividade com o colega da esquerda. Assim, uma a uma, todas as crianças repetem a ação. Ao final, diga: “Vocês também podem contar comigo”. Aproveite para colocar-se à disposição caso alguma criança queira conversar em particular.

Roteiro 5 Defenda-se

As atividades propostas permitem a expressão de conhecimentos sobre as diversas situações que representam risco e que indicam a ocorrência de abuso e a reflexão sobre elas. Assim, a proposta deste roteiro é fazer um resgate de situações, comportamentos e valores que facilitam a percepção da melhor maneira de colocar em prática os conhecimentos desenvolvidos ao longo da leitura do livro sobre prevenção e denúncia de situações de violência sexual. Os conceitos-chave reforçam a importância de compreender o que é violência e abuso sexual, ressaltando a necessidade de ter coragem de pedir ajuda e/ou denunciar esses casos.

Temas para discussão: autoproteção, autocuidado, cuidado com o outro.

OBJETIVOS	CONCEITOS-CHAVE
Apresentar informações e oferecer esclarecimentos sobre fontes seguras de apoio e proteção para as situações de violação de direitos.	6 a 8 anos
	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as pessoas têm direito a proteção e apoio. • Amigos, familiares, professores e membros da comunidade podem e devem ajudar uns aos outros. • Pessoas adultas de confiança podem ser fontes de ajuda e apoio.
	9 e 10 anos
	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas situações de violação de direitos podem requerer ajuda para além da família, da escola ou da comunidade. • O assédio e a violência sexual devem ser notificados a uma fonte de ajuda de confiança.
Explicar o que é abuso/violência sexual e violência de gênero praticados por pessoas adultas, jovens, adolescentes e pessoas em posição de autoridade.	6 a 8 anos
	<ul style="list-style-type: none"> • Os direitos humanos protegem todas as pessoas contra o abuso/violência sexual e a violência de gênero. • O toque inapropriado, o sexo indesejado e o estupro são formas de abuso/violência sexual. • O abuso/violência sexual é sempre errado e jamais é culpa da pessoa abusada.
	9 e 10 anos
	<ul style="list-style-type: none"> • O abuso/violência sexual pode trazer sérias consequências para a vida de crianças e adolescentes, devendo ser denunciado. • Existem maneiras de procurar ajuda em caso de abuso/violência sexual. • Crianças e adolescentes vítimas de abuso/violência sexual necessitam de apoio médico e psicológico.

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h30 a 2h.
- ✓ **Espaço físico:** ambiente onde os estudantes possam se sentar em círculo e movimentar-se e onde possam afixar recortes na parede ou no quadro de giz.
- ✓ **Recursos necessários:** placas pequenas com símbolo de positivo (+) de um lado e de negativo (-) do outro (podem ser utilizados também os símbolos de curtir e não curtir), em quantidade suficiente para todos os estudantes da turma; recortes de cartolina em formato de lâmpadas com as frases que devem ser lembradas em situações de risco; papéis recortados com frases que representem situações que oferecem riscos e situações seguras; caixa para colocar as frases³¹.
- ✓ **Abertura:** retome os combinados, resgatando discussões e aprendizados anteriores. Apresente os objetivos das atividades (tabela). Se for o caso, resgate todo o processo vivido ao longo dos encontros, da realização das atividades e da leitura do livro.
- ✓ **Aquecimento:** pergunte à turma o que significa a palavra “proteção”. Acolha todas as respostas e proponha a realização do jogo Gato e Rato, cujo objetivo é proteger o Rato da perseguição do Gato. Peça que formem um círculo e se deem as mãos. Juntos, escolham uma criança para representar o Gato, que ficará do lado de fora do círculo, e uma criança que será o Rato e ficará dentro dele. O círculo será a proteção para o Rato e deverá se movimentar, a fim de impedir que o Gato entre. Para isso, as crianças devem se juntar e/ou se afastar, utilizando o corpo na brincadeira, sem desmanchar o círculo ou soltar as mãos. Se o Gato entrar, devem abrir espaço para impedi-lo de sair e para que o Rato saia. Defina o tempo de um minuto de perseguição, depois troque os participantes. Se possível, repita a brincadeira até que todos os estudantes tenham participado. Ao final, é importante discutir as estratégias que a turma utilizou para proteger o Rato e a esperteza dele ao fugir. Ressalte que o Rato precisa ser rápido e estar atento para se autoprotger, caso a proteção do círculo não funcione. É fundamental oportunizar de maneira equilibrada a participação de meninas e meninos nos dois papéis. Se acontecer de a barreira do círculo falhar muitas vezes, convide a turma a pensar em estratégias para melhorar a proteção, como agrupar crianças mais altas ou mais baixas.
- ✓ **Ampliando a discussão:** convide a turma para fazer a dinâmica das luzinhas. Organize os estudantes em círculos e sentados em cadeiras ou no chão e entregue a cada um deles uma placa de positivo e negativo. Cole na parede ou no quadro de giz as lâmpadas com frases ou imagens indicando atitudes de autoproteção. Em uma caixa, coloque as frases representando situações inadequadas ou de risco e situações que não oferecem risco. A ideia é que as crianças consigam julgar a situação apresentada levantando as plaquinhas do lado correspondente. Tire uma situação da caixa e leia para a turma. Os estudantes devem avaliar a situação levantando a plaquinha. Em caso de respostas erradas, aproveite a oportunidade e peça aos estudantes que responderam corretamente que expliquem por que a situação representa ou não algum risco. No caso de situações que oferecem risco, peça a um voluntário que indique as lâmpadas (luzinhas) que orientam sobre o que fazer nessa situação. Faça o maior número de rodadas possíveis. Uma variação dessa atividade é propor a montagem de um painel da autoproteção. Monte previamente um painel com imagens ou frases indicando as situações que serão analisadas. Em grupos, as crianças deverão observar o painel, analisar a situação e indicar um símbolo que a represente: positivo (👍), negativo (👎), emoji triste (😞) ou feliz (😊), cartão verde ou vermelho. Depois, em conjunto com o professor, a turma

³¹ Esses materiais podem ser confeccionados com a ajuda dos estudantes.

deverá observar o resultado e indicar as lâmpadas correspondentes às atitudes protetivas para cada caso. As lâmpadas podem ser espalhadas por todo o painel. Dessa forma, ao final, o painel apresentará sugestões de solução para as situações de risco ou de violência.



Alguns exemplos de frases que podem ser utilizadas para as lâmpadas:

- Saia de perto!
- Corra para longe!
- Peça ajuda!
- Conte a alguém em quem você confia!
- Afaste a mão da pessoa!
- Diga NÃO!
- Peça a alguém que ligue para o Disque 100 e conte o que aconteceu.
- Diga que não gosta desse tipo de brincadeira.
- Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.
- Não se exponha na internet.
- Proteja a sua imagem.



Algumas frases que representam situações negativas, com respectivas lâmpadas possíveis:

SITUAÇÕES NEGATIVAS OU DE RISCO	LÂMPADAS POSSÍVEIS
Uma pessoa desconhecida lhe oferece um doce.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Saia de perto! • Corra para longe! • Conte a alguém em quem você confia.
Um estranho convida você a entrar no carro dele.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Saia de perto! • Corra para longe! • Peça ajuda! • Conte a alguém em quem você confia. • Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.
Alguém toca suas partes íntimas e pede a você que não conte a ninguém.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Afaste a mão da pessoa! • Saia de perto! • Corra para longe! Peça ajuda! • Conte a alguém em quem você confia! • Peça a alguém que ligue para o Disque 100 e conte o que aconteceu. • Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.

SITUAÇÕES NEGATIVAS OU DE RISCO	LÂMPADAS POSSÍVEIS
Uma vizinha quis que você entrasse sozinho na casa dela.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Saia de perto! • Corra para longe! • Conte a alguém em quem você confia.
Um amigo da sua família obriga você a se sentar no colo dele.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Saia de perto! • Corra para longe! • Conte a alguém em quem você confia. Peça ajuda!
Uma criança que você não conhece lhe envia uma mensagem pelo telefone convidando-o para ir brincar na casa dela.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Conte a alguém em quem você confia.
Um adulto que você não conhece pede a você que mande uma foto.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Peça ajuda! • Conte a alguém em quem você confia. • Peça a alguém que ligue para o Disque 100 e conte o que aconteceu. • Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.
Uma pessoa conhecida pede a você que mande uma foto sua de maiô ou biquíni.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Peça ajuda! • Conte a alguém em quem você confia! • Peça a alguém que ligue para o Disque 100 e conte o que aconteceu. • Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.
Seu professor de futebol lhe mostrou umas fotos que não são adequadas para a sua idade.	<ul style="list-style-type: none"> • Saia de perto! • Corra para longe! • Conte a alguém em quem você confia! • Peça a alguém que ligue para o Disque 100 e conte o que aconteceu. • Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.
Seu(Sua) tio(a) faz carinhos de que você não gosta.	<ul style="list-style-type: none"> • Diga NÃO! • Afaste a mão da pessoa. • Saia de perto! • Corra para longe! • Conte a alguém em quem você confia.

SITUAÇÕES NEGATIVAS OU DE RISCO	LÂMPADAS POSSÍVEIS
<p>Na escola, alguém fez uma brincadeira que deixou você muito triste ou nervoso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Diga que não gosta desse tipo de brincadeira! • Saia de perto! • Conte a alguém em quem você confia. <p>(Retome a ideia de consentimento discutida na atividade 1, da página 41 do livro: dar ou não o nosso consentimento e respeitar o não consentimento dos outros.)</p>
<p>Você foi ameaçado por uma pessoa e ficou com medo de contar a alguém.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Peça ajuda! • Conte a alguém em quem você confia! • Peça a alguém que ligue para o Disque 100 e conte o que aconteceu. • Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.
<p>Uma pessoa conhecida tocou suas partes íntimas e proibiu você de contar a alguém.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conte a alguém em quem você confia. • Peça ajuda! • Peça a alguém que ligue para o Disque 100 e conte o que aconteceu. • Peça a alguém que avise o Conselho Tutelar.
<p>Você postou no Facebook uma foto sua e de seus amigos com o uniforme da escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não se exponha na internet. • Proteja sua imagem. <p>(Explique aos estudantes que a maior parte das redes sociais estabelece uma idade mínima para seus usuários. No Instagram, Pinterest, Snapchat e Twitter, por exemplo, a idade mínima permitida é 13 anos. Crianças de qualquer idade conseguem acessar o YouTube, mas apenas a partir de 13 anos podem criar um canal. A utilização do WhatsApp é permitida a maiores de 16 anos. Recentemente, o Google criou um aplicativo que permite aos pais criarem e controlarem o acesso dos filhos menores de 13 anos a uma conta própria de <i>e-mail</i> e demais serviços da empresa. O Facebook também está implementando uma rede social para crianças menores de 13 anos. Ainda assim, muitos especialistas são contrários ao uso de redes sociais por crianças, em razão dos riscos que a internet pode oferecer. Retome as atividades 1 e 2, da página 25 do livro, bem como a situação em que Mina orienta uma amiga sobre a sua exposição na internet no capítulo Proteja a sua imagem.)</p>

Para cada situação indicamos apenas as principais orientações a respeito de atitudes que podem ser tomadas pelas crianças. Retome, sempre que possível, as situações e atividades do livro para ajudar a ilustrar e reforçar os conhecimentos. É possível que as crianças queiram utilizar quase todas as lâmpadas em cada situação, o que não é erro. Antes, porém, é importante que elas tenham clareza de todos os canais que podem utilizar em situações de desconforto, risco ou violência. Acolha as propostas e reforce as orientações principais. É possível que nem todas as situações sejam avaliadas como caso de encaminhamento ao Conselho Tutelar; contudo, se a situação suscita suspeita de abuso, é importante esclarecer que o Conselho Tutelar deverá ser informado. Além disso, o Conselho pode ser uma fonte importante de orientação. Caso não haja Conselho Tutelar em sua cidade, substitua-o pelo órgão responsável em receber denúncias de abuso sexual. Na seção **Rede de proteção**, listamos algumas possibilidades que podem estar presentes em sua cidade. Escolha as situações que deverão ser analisadas pelas crianças, sem necessariamente utilizar todas na dinâmica.

Algumas frases representando situações que não oferecem riscos:

- No recreio, meninos e meninas jogaram futebol juntos.
- Seu irmão do meio lavou a louça ontem.
- Você cedeu o lugar no ônibus para um idoso.
- Você ganhou um abraço de alguém querido hoje.
- Seu amigo fez aniversário e você deu um abraço nele.
- Uma médica examinou você com seu responsável ao lado.
- O professor de música disse que você toca violão muito bem!
- Você disse a um amigo que ele é bonito.

Retome a ideia de que nem todas as situações vivenciadas envolvem perigo ou abuso. Ao apresentar as situações anteriores, ajude as crianças a perceberem como se sentem quando discutem cada uma delas. Em geral, deve haver uma sensação de tranquilidade, segurança e bem-estar. Esta é uma importante percepção na distinção entre conforto e desconforto. Deve-se também discutir a questão do consentimento, possível em algumas das situações, além do respeito, do cuidado, da confiança.

Com crianças maiores, é possível propor a realização de um *quiz*, ou seja, um jogo de perguntas e respostas em que elas possam articular a avaliação do risco nas situações apresentadas com a proposta de atitudes protetivas. Finalize a discussão lembrando a importância de saber o que é violência sexual. Se preciso, retome a situação apresentada no capítulo **Não sinta medo nem vergonha, procure ajuda**, reforçando a importância de vencer o medo ou a vergonha e, em caso de abuso ou violência sexual ou não, contar a situação a alguém em quem confie. No **Apêndice**, disponibilizamos sugestões de vídeos e outros materiais que podem ser utilizados para esclarecimentos adicionais sobre a violência sexual. Convide as crianças a fazerem uma campanha de conscientização sobre violência sexual contra crianças e adolescentes e sua prevenção. Para isso, podem ser realizados:

- Esquetes teatrais usando situações do livro ou outras criadas pela turma.
- Produção de cartazes para serem afixados na escola e outros lugares da comunidade com atitudes protetivas, voltados para crianças e adolescentes.

- Produção de cartazes com mensagens de respeito à diversidade; valorização da igualdade entre meninos e meninas; empoderamento de meninas³².
- Exposição de materiais elaborados durante as atividades e leitura dramática do livro.
- Produção de cartões com atitudes protetivas, por exemplo, em formato de lâmpadas para distribuição entre crianças e adolescentes.
- Distribuição de pôsteres oficiais disponibilizados por órgãos públicos.
- Elaboração e exposição de mapa indicando a localização do Conselho Tutelar ou do órgão responsável pela proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência.

Se houver entusiasmo da turma pela organização da campanha, aproveite este momento para distribuir tarefas e definir coletivamente um planejamento de ações e o cronograma.

Caso a turma não queira fazer a campanha, combine, então, a organização da exposição de alguns materiais elaborados ao longo da realização dos roteiros temáticos, que poderá ser feita em forma de painel informativo, jornal mural, revistas etc.

✓ **Avaliação:** convide as crianças a comentarem os melhores momentos das atividades realizadas. Convide-as a dar abraço coletivo em círculo. Reconheça e agradeça os desafios vencidos, os conhecimentos aprendidos, a coragem ao dividir sentimentos, ideias e opiniões. Mesmo que o trabalho com os roteiros e a leitura do livro tenham acabado, ressalte que esse é um assunto importante e deve estar sempre presente nas discussões do dia a dia, lembrando a necessidade de se defender sempre que necessário.

Para finalizar

O processo de prevenção e enfrentamento da violência e do abuso sexual contra crianças e adolescentes tem a escola como uma importante aliada, pois trata-se de fonte segura de informação e representa para muitas crianças um importante espaço de proteção.

A leitura do livro e a realização das atividades são apenas os primeiros passos para o processo de empoderamento de crianças e adolescentes na prevenção e no enfrentamento da violência e do abuso sexual. É fundamental que esse processo tenha continuidade no dia a dia da sala de aula. Para isso, recomendamos avaliar, em parceria com a comunidade escolar, formas de fazer isso: realização de momentos formativos para as famílias e a comunidade, utilização de datas importantes para realização de campanha ou de ações pontuais, como palestras, mostras de atividades, panfletagens, passeatas de conscientização: Dia Internacional da Mulher (8 de março), Dia Mundial da Infância (21 de março), Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infantil (18 de maio), Aniversário do ECA (13 de julho), Dia do Adolescente (21 de setembro), Dia Internacional da Não Violência (2 de outubro), Dia das Crianças (12 de outubro), Dia Internacional dos Direitos das Crianças (20 de novembro), Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra Mulheres (25 de novembro), Dia dos Direitos Humanos (10 de dezembro).

³² A Plan International é uma organização não governamental, não religiosa e apartidária que visa promover a igualdade de gênero. No Brasil desde 1997, ela desenvolve o movimento global Por ser menina, cujo foco é o empoderamento de meninas, sobretudo de comunidades mais vulneráveis. Para conhecer o projeto, consulte o site da organização, disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_077>. Acesso em: 20 jul. 2018.

O mural da sala de aula e o da escola podem divulgar o ano todo informações sobre autoproteção e os canais de apoio, que podem ser utilizados por crianças e adolescentes.

Resgatar, sempre que possível, alguns conceitos, como consentimento, confiança, conforto/desconforto, segurança/perigo, coragem, igualdade, é uma forma de construir uma cultura de cuidado e alteridade.

Esperamos que sua trajetória seja de sucesso e contamos com sua participação constante no time da defesa de crianças e adolescentes!

Apêndice

Apresentamos, nesta seção, sugestões de *sites*, publicações, filmes e outros materiais audiovisuais que podem ser utilizados com os estudantes no processo de ensino e aprendizagem com foco na prevenção e no enfrentamento da violência sexual.

O uso de materiais audiovisuais como recurso pedagógico nas escolas³³ é atividade cada vez mais comum e de sucesso entre estudantes e professores. Seja como elemento de introdução e motivação dos estudantes para as temáticas a serem trabalhadas, seja como recurso didático que ajuda a elucidar aspectos históricos definidos a serem analisados no processo pedagógico ou em determinada sequência didática, seja ainda como espaço de fruição de arte ou de vivência do lazer, e sua utilização traz ludicidade e enriquece o processo pedagógico.

Ainda que os recursos audiovisuais aqui apresentados sejam indicados como conteúdo apropriado para estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, antes de reproduzi-los, é importante que você assista a cada um do início ao fim, reflita sobre ele e prepare a turma para a observação de elementos importantes durante a sua exibição. Planeje também a utilização desses recursos no seu processo pedagógico para que a experiência seja, de fato, enriquecedora.

Organizados em três eixos temáticos, os materiais indicados não esgotam os temas, mas direcionam o foco do trabalho com vistas à adequação do público-alvo e ao sucesso das discussões propostas.

Nem sempre os materiais trazem indicação precisa da faixa etária do público a que se destinam. Nesse sentido, é importante que você conheça previamente os materiais e considere suas características para, se preciso, adaptar as atividades de modo que correspondam às suas expectativas.

Violência sexual contra crianças

Audiovisuais



► Que corpo é esse?

Canal Futura, 2018. Série de TV.
Classificação indicativa livre.

1. O direito de dizer não

 http://ftd.li/defenda-se_079 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

³³ CHRISTOFOLETTI, Rogério. Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?. In: **Revista Educação**. Santa Maria: UFSM, v. 34, n. 3, p. 603-616, set.-dez. 2009. Disponível em: <http://ftd.li/defenda-se_078>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Gênero, educação e desigualdades

Publicações

▶ Chutando pedrinhas

Vanessa Fonseca e Leticia Serafim. Promundo, 2014.

Recomendado a partir do 4º ano.

http://ftd.li/defenda-se_080 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

▶ Vento no rosto

Promundo [s.d.].

Recomendado a partir do 2º ano.

http://ftd.li/defenda-se_081 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

▶ O vestido da mamãe

Dani Umpi e Rodrigo Moraes. FTD, 2015.

Recomendado a partir do 1º ano.

▶ Alexandra

Siobhán Parkinson. FTD, 2015.

Recomendado a partir do 2º ano.

▶ Pê, o pato diferente

Regina Rennó. FTD, 2017.

Recomendado a partir do 1º ano.

▶ O jeito de cada um – O respeito à diversidade

Edson Gabriel Garcia. FTD, 2014.

Recomendado a partir do 2º ano.

▶ Diversidade

Tatiana Belinky. FTD, 2015.

Recomendado a partir do 2º ano.

Audiovisuais

▶ Valente

Brave (título original), de Mark Andrews, Brenda Chapman e Steve Purcell. EUA, 2012.

Longa-metragem de animação (93 min).

Classificação indicativa livre.

▶ Moana: um mar de aventuras

Moana (título original), de Ron Clements, John Musker, Don Hall e Chris Williams. EUA, 2016.

Longa-metragem de animação (107 min).

Classificação indicativa livre.

▶ A igualdade de gêneros é antes de tudo um direito humano

Globo, 2016. Vídeo (3 min).

Sem classificação indicativa.

http://ftd.li/defenda-se_082 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

Direitos e protagonismo infantil

Publicações

▶ **ECA em tirinhas para crianças**

Câmara dos Deputados. Secretaria de Comunicação Social. Plenarinho. Edições Câmara, 2015.
Recomendado a partir do 4º ano.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_083 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

▶ **A turma da Mônica em:** o Estatuto da Criança e do Adolescente

Editora Mauricio de Souza, [s.d.].

Recomendado a partir do 2º ano.

🔗 http://ftd.li/defenda-se_084 (Acesso em: 24 jul. 2018.)

▶ **Catirina e a piscina**

Gláucia de Souza. FTD, 2007.

Recomendado a partir do 4º ano.